



**UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA**

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física – PPGCAF

LUCIANA BERNARDES VIEIRA DE REZENDE HERSEN MONTEIRO

**PROJETO SOCIAL ESPORTIVO E RESILIÊNCIA:  
O CASO DO PROJETO SORRIA**

Niterói

2022

LUCIANA BERNARDES VIEIRA DE REZENDE HERSEN MONTEIRO

**PROJETO SOCIAL ESPORTIVO E RESILIÊNCIA:  
O CASO DO PROJETO SORRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física, da Universidade Salgado de Oliveira, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Atividade Física. Área de Concentração: Aspectos Biodinâmicos e Socioculturais da Atividade Física. Linha de Pesquisa: Educação Física, Atividade Física, Esporte e Manifestações Culturais. Projeto de Pesquisa: Atividade física, desenvolvimento e Inovação: aspectos socioculturais e suas implicações nos campos acadêmico, esportivo e tecnológico.

Orientador Prof. Dr. Carlos Alberto Figueiredo da Silva.

Niterói

2022

### CIP - Catalogação na Publicação

Monteiro, Luciana Bernardes Vieira de Rezende Hersen.  
M775 Projeto social esportivo e resiliência: o caso do Projeto Sorria. / Luciana Bernardes Vieira de Rezende Hersen Monteiro. -- Niterói, RJ, 2022.  
ix, 10-74p.; il., color., graf., tabs.  
[Numeração da publicação: [i] – ix, 10-74.  
Referências: P. 50-54.  
Apêndice(s): P. 55 – 70.  
Anexo (s): P. 71- 74.

Orientador: PhD. Carlos Alberto Figueiredo da Silva.  
Dissertação (Mestrado em Ciências da Atividade Física) – Universidade Salgado de Oliveira, 2022.

1. Projeto social esportivo. 2. Projeto SORriA. 3. Resiliência. 4. Esporte educacional. I. TÍTULO.

CDD 613.7

Elaborado pela Biblioteca Universo Niterói, com os dados fornecidos pelo (a) autor (a), sob a responsabilidade de Sirléia Rodrigues de Mattos - CRB-7/5230.

**LUCIANA BERNARDES VIEIRA DE REZENDE HERSEN MONTEIRO**

**“PROJETO SOCIAL ESPORTIVO E RESILIÊNCIA: O CASO DO PROJETO  
SORRIA.”**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física da Universidade Salgado de Oliveira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências da Atividade Física, aprovada no dia 21 de julho de 2022 pela banca examinadora, composta pelos professores:



---

**Prof. Dr. Carlos Alberto Figueiredo da Silva**  
Professor do PPG em Ciências da Atividade Física da Universidade Salgado de Oliveira  
(UNIVERSO)



---

**Prof.ª Dr.ª Carla Isabel Paula da Rocha de Araújo**  
Professora da Universidade Federal do Pará. (UFPA)



---

**Prof.ª Dr.ª Renata de Sá Osborne da Costa**  
Professor do PPG em Ciências da Atividade Física da Universidade Salgado de Oliveira  
(UNIVERSO)

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, que sempre me sustentou, aos meus pais e irmãos, que são minha base, meu chão, e a minha família, o motivo maior da minha vitória, especialmente meu filho Luidi, o amor da minha vida.

## AGRADECIMENTO

À instituição de ensino UNIVERSO, essencial no meu processo de formação, pelo financiamento, e por tudo o que aprendi ao longo dos anos do curso.

Aos professores, por todos os conselhos, pela ajuda e pela paciência com a qual guiaram o meu aprendizado. Em especial, o professor Dr. José Maria Pereira da Silva, por me apresentar o esporte Orientação, que mudou as rotas da minha vida. A minha amiga professora Dra Miriam Raquel Meira Mainenti, que me apresentou a professora Dra. Ângela Nogueira Neves, a qual me sugeriu pesquisar sobre a resiliência, tema que já trabalhava, mas não sabia. A professora Dra. Carla Isabel Paula da Rocha de Araújo, que ao conhecer o Projeto SORriA, me estimulou a pesquisar e entrar no mestrado, me apresentando o professor Dr. Carlos Alberto Figueiredo da Silva, que foi meu orientador e abriu um mundo de possibilidades, me fez transpassar barreiras, ver além dos muros, me ajudou a escrever muito melhor, sob o olhar do pesquisador. E a professora Dra. Renata de Sá Osborne da Costa, que conheci na UNIVERSO, e muito me estimulou e ensinou.

Ao INPAR, instituição que me acolheu e permitiu implantar o Projeto SORriA. Aos alunos do Projeto SORriA com quem convivi ao longo desses anos, que me incentivaram e que certamente tiveram impacto na minha formação, me ajudando a ser resiliente. A todos que participaram do Projeto SORriA, sempre me ajudando a não desistir. Aos amigos professores, que passaram, que ficaram, e todos que direta ou indiretamente colaboraram no Projeto SORriA, intensificando o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado.

## **EPIGRAFE**

“Não que já a tenha alcançado, ou que seja perfeito; mas prossigo para alcançar aquilo para o que fui também preso por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão diante de mim, Prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” Filipenses 3, 12-14.

## RESUMO

Na década de 1990, surgiram diversos Projetos Sociais Esportivos (PSE) com o intuito de complementarem ou substituírem processos educativos formais, em especial, para crianças e jovens em vulnerabilidade social. Embora os PSE sejam apresentados muitas vezes como algo relevante por proporcionar benefícios graças à prática regular esportiva na formação moral dos seus alunos, há também um 'lado sombra do esporte', mostrando que muitos PSE são apenas paliativos. O objetivo deste estudo é identificar qual a percepção de alunos egressos do Projeto SORriA (Projeto Social de Orientação e Atividades Esportivas) em relação à influência dele em sua formação como cidadãos resilientes. O presente estudo traz um artigo de revisão de literatura, pautada em ambas as vertentes relacionadas aos benefícios ou não dos PSE, servindo para apreciação e consulta de demais interessados em oferecer e avaliar projetos sociais esportivos, já que o tema possui poucos estudos publicados, especialmente em se tratando de PSE e o desenvolvimento da resiliência; e um outro artigo, com abordagem quali-quantitativa. A escolha de unir os métodos qualitativos e quantitativos, se deu por conta da maior riqueza ao coletar e analisar os dados, relacionando a escala de resiliência com perfil socioeconômico, complementando com as falas dos ex-alunos, por meio de um grupo focal. Conclui-se que o PSE, na percepção dos participantes, se mostrou positivamente influente em suas vidas, de forma que a prática esportiva colaborou na formação de sujeitos resilientes, na superação das adversidades do esporte, mas também no desenvolvimento de recursos para enfrentar os obstáculos da vida.

**Palavras-chave:** Projeto Social Esportivo; Resiliência; Esporte Educacional.

## ABSTRACT

In the 1990s, several Sports Social Projects (PSE) emerged with the aim of complementing or replacing formal educational processes, especially for children and young people in social vulnerability. Although PSEs are often presented as something relevant for providing benefits thanks to the regular practice of sports in the moral formation of their students, there is also a 'shadow side of sport', showing that many PSEs are only palliative. The objective of this study is to identify the perception of students from the SORriA Project (Social Project of Orientation and Sports Activities) in relation to its influence on their formation as resilient citizens. The present study presents a literature review article, based on both aspects related to the benefits or not of PSE, serving for appreciation and consultation of others interested in offering and evaluating social sports projects, since the topic has few published studies, especially when it comes to PSE and the development of resilience; and another article, with a qualitative-quantitative approach. The choice to combine qualitative and quantitative methods was due to the greater richness in collecting and analyzing data, relating the resilience scale to the socioeconomic profile, complementing the statements of former students, through a focus group. It is concluded that the PSE, in the perception of the participants, proved to be positively influential in their lives, so that the practice of sports collaborated in the formation of resilient subjects, in overcoming the adversities of sport, but also in the development of resources to face obstacles of life.

**Keywords:** Social Sport Project; Resilience; Sport Educational.



## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. ARTIGO DE REVISÃO DE LITERATURA .....	12
3. ARTIGO DE RESULTADOS.....	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	48
REFERÊNCIAS .....	50
APÊNDICES E ANEXOS .....	55
Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	55
Apêndice B – Questionário Perfil Socioeconômico .....	56
Apêndice C - Roteiro de Entrevista do Grupo Focal.....	57
Apêndice D – Resultado Questionário Perfil Socioeconômico .....	58
Apêndice E - Resultado Escala de Resiliência.....	63
Apêndice F – Transcrição da Entrevista do Grupo Focal.....	64
Anexo A - Termo de Autorização do Comitê de Ética .....	71
Anexo B - Relatório de Autenticidade do DocxWeb ou CopySpider .....	73
Anexo C – Escala de Resiliência .....	74

## 1 INTRODUÇÃO

Com o crescimento das desigualdades sociais, aumento da miséria, desemprego, crescente criminalidade urbana, falta de políticas públicas, especialmente na área da saúde e educação, surgiram nas últimas décadas no Brasil, os Projetos Sociais Esportivos (PSE), visando minimizar as consequências das desigualdades sociais (VIANNA; LOVISOLO, 2011). Os PSE surgem como estratégia para conter ou disfarçar as mazelas da sociedade, por utilizarem o esporte como canal de socialização ou inclusão social, financiados por organizações não governamentais ou empresas (SILVEIRA, 2013).

Embora os PSE sejam apresentados muitas vezes como algo relevante por proporcionarem benefícios graças à prática regular esportiva na formação moral dos seus alunos, há também um “lado sombra do esporte”, que mostra que muitos PSE são apenas paliativos. Estes possuem objetivos rasos e sem finalidades claras, ou ainda se intitulam capazes de resolver problemas além de suas possibilidades. Essa utilização distorcida ou equivocada do esporte superestima, desprestigia ou até mesmo desperdiça os investimentos nos PSE (CORREIA, 2008; CORTÊS NETO, 2015; OSBORNE; BELMONT, 2018).

O objetivo geral deste estudo é identificar qual a percepção de alunos egressos do Projeto SOrriA (Projeto Social de Orientação e Atividades Esportivas) em relação à influência do Projeto em sua formação como cidadãos resilientes. Como desdobramento do objetivo principal, foram formulados os objetivos específicos: 1. Realizar um levantamento bibliográfico sobre os PSE e a resiliência; 2. Quantificar o grau de resiliência dos alunos do Projeto SOrriA; 3. Considerar a influência do Projeto SOrriA no desenvolvimento da resiliência, sobre as perspectivas dos alunos egressos.

A presente dissertação apresentará os estudos realizados em forma de artigos, inicialmente um artigo de revisão de literatura sobre estudos que relatem as diversas vertentes dos PSE, buscando em especial os textos que abordem a resiliência. Em se tratando de um objeto de pesquisa ainda muito recente, pois os PSE surgiram por volta da década de 1990 (HECKTHEUER; SILVA, 2011), o desenvolvimento da literatura ainda é escasso. A resiliência também é um tema recente (da década de 1970 e 1980) e que precisa ser mais pesquisado (GODOY et al, 2010; BRANDÃO; MAHFOUD; GIANORDOLINASCIMENTO, 2011). Mais escassa ainda é a temática da resiliência em PSE, havendo uma grande lacuna a ser preenchida (CASTRO; SOUZA, 2011). Sendo um tema ainda pouco explorado, no âmbito da ciência, ainda há poucos estudos que relacionam os PSE e o

desenvolvimento da resiliência. Dentre eles, Côrtes Neto (2018) que verificou que a participação de adolescentes em PSE pode torná-los mais resilientes. Brandão e Fontes (2013) acham difícil concluir se as atletas se tornaram resilientes a partir das adversidades no esporte ou se conseguiram enfrentar as adversidades por serem pessoas resilientes, acreditam que um estudo longitudinal poderia responder a essa questão. Já Sanches (2007) constatou que o PSE investigado contribuiu para o fortalecimento psicológico dos alunos atendidos, promovendo a resiliência desses jovens. Com poucos estudos e algumas divergências, o presente estudo pretende contribuir mais para a temática dos PSE e o desenvolvimento da resiliência.

Posteriormente, um artigo com os resultados de uma pesquisa mista, em que o estudo se desenvolve com uma abordagem qualitativa e quantitativa, no qual houve a aplicação da escala de resiliência desenvolvida por Wagnild e Young (1993), para 20 alunos egressos, que participaram ativamente do Projeto SORriA, e um questionário socioeconômico com 18 perguntas. E por fim, foi efetuado um grupo focal, com uma entrevista semiestruturada com a participação de 12 alunos egressos (THOMAS; NELSON; SILVERMMAN, 2012).

## 2 ARTIGO DE REVISÃO DE LITERATURA

### **Projetos sociais esportivos e a resiliência: um estudo de revisão**

**Social sport projects and resilience: a review study**

**Proyectos sociodeportivos y resiliencia: un estudio de revisión**

\*Publicado em 14/07/2022, na revista Research, Society and Development (foi mantida a formação do texto original na revista)<sup>1</sup>.

**Luciana Bernardes Vieira de Rezende Hersen Monteiro**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3254-681X>

Universidade Salgado de Oliveira, Brasil

E-mail: [luidig@gmail.com](mailto:luidig@gmail.com)

**Carlos Alberto Figueiredo da Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7429-932X>

Universidade Salgado de Oliveira, Brasil

E-mail: [ca.figueiredo@yahoo.com.br](mailto:ca.figueiredo@yahoo.com.br)

**Renata Osborne**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4679-0530>

Universidade Salgado de Oliveira, Brasil

E-mail: [rerafado@gmail.com](mailto:rerafado@gmail.com)

**Carla Isabel Paula da Rocha Araujo**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4644-6310>

Universidade Federal do Pará, Brasil

E-mail: [carla\\_mpompilho@hotmail.com](mailto:carla_mpompilho@hotmail.com)

#### **Resumo**

O objetivo desta pesquisa foi investigar na literatura as contribuições dos projetos sociais esportivos (PSE) e sua ligação com o desenvolvimento da imagem corporal dos discentes e a promoção da resiliência através do esporte. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, onde se buscou um caminho que apresentasse estudos de vertentes dos PSE, colhendo, especialmente, os textos que abordassem a resiliência. Os PSE, por serem um tema recente, ainda têm uma literatura escassa. A resiliência também é um tema novo e que precisa de mais estudos. Mais escassa ainda é a temática da resiliência em PSE, havendo uma grande lacuna a ser preenchida. Os estudos encontrados apresentam, em grande parte, que os PSE proporcionam benefícios graças à prática regular esportiva e colaboração na formação moral dos seus alunos; porém, há também um “lado sombra do esporte”, mostrando que muitos dos PSE são paliativos, pois possuem objetivos rasos e sem finalidades claras. Para uma melhor análise da contribuição dos PSE e o desenvolvimento da resiliência, faz-se necessário mais estudos que relacionem estas temáticas, pois o material encontrado, ainda é pouco. Mesmo assim, este artigo apresenta os conceitos mais usados relacionados a estes temas, tentando contribuir para uma maior discussão. Como muitos jovens atendidos pelos PSE são sujeitos em vulnerabilidade social, que cotidianamente sofrem diversos traumas ligados as suas condições sociais e culturais, para que consigam sair da imobilização causada por esses traumas, e que aconteça a superação dessas adversidades, havendo uma ressignificação de sua imagem corporal: há necessidade de um potencial de reação, processo conhecido como resiliência. Assim, os PSE podem ser uma importante ferramenta na promoção da resiliência de seus alunos, por serem um alicerce para a superação de adversidades.

**Palavras-chave:** Projeto Social Esportivo; Resiliência; Esporte Educacional.

#### **Abstract**

This research aims to investigate in the literature the contributions of sports social projects (PSE) and their connection with the development of the student's body image and the promotion of resilience through sport. This article is a narrative review of the literature, where a path was sought to present studies of PSE strands, collecting, especially, the texts that addressed resilience. For being a current theme, the PSE still has scarce literature. Resilience is also a new topic that needs further study. The issue of resilience in PSE is even lower, with a large gap to be filled. The findings show to a large

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/32113/27260>

extent that PSEs provide benefits thanks to the regular practice of sports and collaboration in the moral formation of their students. However, there is also a “shadow side of the sport”, showing that many of the PSEs are palliative, as they have shallow goals and no clear goals. For a better analysis of the contribution of PSE and the development of resilience, more studies are needed that relate to these themes because the material found is still tiny. Even so, this article presents the most used concepts related to these themes, trying to contribute to a more significant discussion. Many youths assisted by the PSE are socially vulnerable subjects who daily suffer traumas linked to their social and cultural conditions. However, they can get out of the immobilization caused by these traumas and overcome these adversities by re-signifying their image body. Hence, there is a need for a reaction potential, a process known as resilience. Thus, PSEs can be an essential tool in promoting their students' resilience, as they are a foundation for overcoming adversities.

**Keywords:** Social Sports Project; Resilience; Sport Educacional.

### **Resumen**

Esta investigación tiene como objetivo investigar en la literatura las contribuciones de los proyectos sociales deportivos (PSE) y su conexión con el desarrollo de la imagen corporal del estudiante y la promoción de la resiliencia a través del deporte. Este artículo es una revisión narrativa de la literatura, donde se buscó un camino para presentar estudios sobre las hebras del PSE, recogiendo, especialmente, los textos que abordaron la resiliencia. Por ser un tema actual, el PSE aún cuenta con escasa literatura. La resiliencia también es un tema nuevo que necesita más estudio. El tema de la resiliencia en PSE es aún menor, con un gran vacío por llenar. Los hallazgos muestran en gran medida que las PSE aportan beneficios gracias a la práctica regular del deporte y la colaboración en la formación moral de sus alumnos. Sin embargo, también hay un “lado sombrío del deporte”, que muestra que muchos de los PSE son paliativos, ya que tienen metas poco profundas y sin metas claras. Para un mejor análisis de la contribución de la PSE y el desarrollo de la resiliencia, se necesitan más estudios que se relacionen con estos temas porque el material encontrado aún es pequeño. Aun así, este artículo presenta los conceptos más utilizados relacionados con estos temas, tratando de contribuir a una discusión más significativa. Muchos jóvenes atendidos por el PSE son sujetos socialmente vulnerables que sufren diariamente traumas ligados a sus condiciones sociales y culturales. Sin embargo, pueden salir de la inmovilización provocada por estos traumas y superar estas adversidades resignificando su imagen corporal. Por lo tanto, existe la necesidad de un potencial de reacción, un proceso conocido como resiliencia. Así, los PSE pueden ser una herramienta fundamental para promover la resiliencia de sus estudiantes, ya que son la base para la superación de las adversidades.

**Palabras clave:** Proyecto Sociodeportivo; Resiliencia; Deporte Educativo.

## **1. Introdução**

Com o crescimento das desigualdades sociais, aumento da miséria, desemprego, crescente criminalidade urbana, falta de políticas públicas, especialmente na área da saúde e educação, proliferaram, nas últimas décadas no Brasil, Projetos Sociais Esportivos (PSE), visando minimizar as consequências das desigualdades sociais (Vianna & Lovisolo, 2011). Os PSE surgem como estratégia para conter ou disfarçar as mazelas da sociedade, por utilizarem o esporte como canal de socialização ou inclusão social, financiados por organizações não governamentais ou empresas (Silveira, 2013). Embora os PSE sejam apresentados muitas vezes como algo relevante por proporcionar benefícios graças à prática regular esportiva na formação moral dos seus discentes, há também um “lado sombra do esporte”, mostrando que muitos PSE são apenas paliativos. Estes possuem objetivos rasos e sem finalidades claras, ou ainda se intitulam capazes de resolver problemas além de suas possibilidades. Essa utilização distorcida ou equivocada do esporte superestima, desprestigia ou até mesmo desperdiça os investimentos nos PSE (Correia, 2008; Cortês Neto, 2015; Osborne & Belmont, 2018).

O presente estudo traz uma revisão de literatura, pautada em ambas as vertentes relacionadas aos benefícios ou não dos projetos sociais esportivos, servindo para apreciação e consulta de demais interessados em oferecer e avaliar projetos sociais esportivos, já que o tema possui poucos estudos publicados, especialmente em

se tratando de projetos sociais esportivos e o desenvolvimento da resiliência. Com a pretensão de complementar ou substituir processos educativos formais, em especial para crianças e jovens em vulnerabilidade social, a década de 1990 foi abundante em PSE (Hecktheuer & Silva, 2011). No entanto, há poucas pesquisas relacionadas a projetos sociais esportivos, especialmente os que objetivam desenvolver a resiliência.

O objetivo desta pesquisa é investigar, na literatura, as contribuições dos projetos sociais esportivos e sua ligação com o desenvolvimento da imagem corporal do aluno e, conseqüentemente, a promoção da resiliência através do esporte.

## **2. Metodologia**

O presente artigo é uma revisão narrativa da literatura, conforme Hohendorff (2014): “são textos nos quais os autores definem e esclarecem um determinado problema, resumizam estudos prévios e informam aos leitores o estado em que se encontra determinada área de investigação” (p. 40). Diferentemente das revisões sistemáticas e integrativas, a revisão narrativa não esgota as fontes e segue um padrão mais indutivo, que se alia à subjetividade do pesquisador. No presente trabalho, buscou-se um caminho que apresentasse estudos de vertentes dos PSE, colhendo, em especial, os textos que abordassem a resiliência. Por se tratar de um objeto de pesquisa ainda muito recente, pois os PSE surgiram por volta dos anos 1990 (Hecktheuer & Silva, 2011), o desenvolvimento da literatura ainda é escasso. A resiliência também é um tema recente (da década de 1970 e 1980) e que ainda precisa ser mais pesquisado (Godoy *et al.*, 2010; Brandão, Mahfoud & Gianordoli-Nascimento, 2011). Mais escassa ainda é a temática da resiliência em PSE, havendo uma grande lacuna a ser preenchida (Castro & Souza, 2011).

Como fundamentação teórica, inicialmente, foram selecionados de julho a novembro de 2020, artigos em duas bases de dados: Plataforma Sucupira (Capes) e Google Scholar, utilizando as três palavras-chaves do estudo: Projeto Social Esportivo, resiliência e esporte educacional. Na Plataforma Sucupira (Capes), não foi encontrado nenhum trabalho relacionado ao objeto de estudo. No Google Scholar, sem limitação de tempo, ao pesquisar as palavras-chaves, nas seguintes formas, com respectivos resultados: "Projeto Social Esportivo" e "esporte educacional" – 58 trabalhos, “Projeto Social Esportivo” e resiliência – 30 trabalhos, “Resiliência e esporte educacional” – nenhum trabalho. Foram encontrados 88 trabalhos, onde as referências duplicadas, fora do padrão científico e sem relação com a temática foram excluídos. Restando 53 artigos, que foram consultados e utilizados para fundamentação, além de servirem de fonte de pesquisa para encontrar outras referências. Em seguida, os textos selecionados foram fichados e apresentados para a fundamentação do presente estudo.

## **3. Resultados e discussão**

### **3.1. Projeto Social Esportivo – Vilão ou Mocinho?**

Embora o esporte seja um direito constitucional, pois de acordo com os artigos 6º e 217º da Constituição do Brasil (Brasil, 1988), a promoção da atividade física e esportiva vivenciada nos momentos de lazer, é um direito social, assegurado pelo Poder Público a todos os cidadãos, os PSE são financiados principalmente pela iniciativa privada na área de responsabilidade social, ou por pessoas físicas (Correia, 2008; da Silva, Terra & Votre, 2008; Silva, Lopes & Araújo Netto, 2010; Silveira, 2013; Murad, 2020). Ao dividir com

o Estado a responsabilidade de oferta do esporte público e gratuito, os PSE precisam atentar para não oferecer o esporte de uma forma assistencialista, compensatória, clientelista e instrumentalista, ou mesmo numa perspectiva salvacionista, onde os mesmos substituem as demais políticas sociais (Correia, 2008; Silveira, 2013).

Exatamente por não terem claros seus objetivos, o ‘que’ e ‘como’ pretendem desenvolver os projetos, que os PSE têm sido alvo de críticas, pois creditam, ao esporte, objetivos grandiosos que fogem à sua alçada, e que em grande parte não conseguem resolver simples e pequenas mudanças na realidade local. Ou ainda, desacreditado no meio acadêmico, por considerarem que os PSE que se utilizam do esporte como ferramenta de inclusão estão na realidade alicerçados numa atividade excludente, permeada de más intenções, pois em sua ‘essência’, o esporte seleciona os melhores. Os PSE acreditam que o esporte por si só, dificilmente dará conta da resolução de todos os problemas sociais, pois são necessárias ações de políticas públicas (Melo, 2004; Correia, 2008; Vianna & Lovisoló, 2011; Silveira, 2013; Motta, Da Silva & Dos Santos, 2018).

Muitas vezes os PSE ditos inclusivos são considerados como “tábuas da salvação” para crianças e jovens não se envolverem com a criminalidade que ronda sua comunidade, porém, possuem o lado excludente, indicando que muitos desses projetos são apenas paliativos, pois não se comprometem com uma formação integral, ou seja, não contribuem na formação de cidadão para atuar na sociedade em que estão inseridos. Ou ainda, servem apenas para encontrarem revelações esportivas, não oportunizando a todos essa formação diferenciada e caracterizando-se como um projeto excludente (Neira, 2009; Vianna & Lovisoló, 2011; Murad, 2020; Ribeiro & Couto, 2022).

As críticas proferidas aos programas de educação pelo esporte geram um ambiente de desconforto entre aqueles que cultuam a falsa consciência de que o simples acesso à prática, por si só, garantirá uma formação cidadã a milhares crianças e jovens representantes das comunidades socialmente alijadas de sólidas e concretas experiências educacionais. Sem pretender descaracterizar o componente formativo do esporte, em sentido contrário, as vozes dissonantes e contrárias ao discurso alentado lançam a todo momento, a seguinte questão: “Qual formação está em jogo?”. (Neira, 2009, p. 62).

Muitos PSE acabam se tornando aparato do Estado, por serem financiados por interesses políticos que utilizam o esporte como mero apêndice para política de controle estatal, sendo esta uma estratégia de dominação baseada na conformação das técnicas do corpo, na disciplina e na autoridade do professor. Além, de servir como um “analgésico social”, numa visão conservadora onde o esporte é uma ferramenta para um maior controle social ou doutrinária (Melo, 2004; Correia, 2008).

Vianna e Lovisoló (2011) também enxergam que, na maioria dos PSE, há uma visão excludente, especialmente por conta dos professores que dão destaque apenas aos talentos esportivos. Porém, acreditam no valor social do esporte, por ser um importante meio de socialização, pois consegue desenvolver valores como coletivismo, amizade e solidariedade, relevantes para ascensão social dos alunos provenientes das camadas populares, e assim contribuir para vencerem as “agruras” da pobreza. O esporte apresentado de forma sistematizada e orientada, num PSE, não aliena, mas colabora na conscientização de seus limites, permitindo almejar valores que possibilitam uma modificação social (Azevedo, 2009).

No entanto, vários estudiosos não descartam a importância dos PSE, em especial os que levam em consideração o valor educacional e social do esporte, e não uma visão reducionista, onde a prática da atividade física não soluciona os problemas sociais, mas permite coletivamente a construção de uma história baseada em

sua experiência corporal. Ou seja, uma possibilidade realista dentro de suas limitações, através da cultura corporal de movimento, onde o esporte faz pensar e buscar outras possibilidades de vida. O esporte traz em suas raízes seu caráter cultural e social. Por seu teor cultural e social, o esporte tem grande importância na formação dos indivíduos, pois ele colabora no crescimento pessoal quando estimula o correr atrás de resultados por mérito e esforço pessoal, motiva na superação e avanço de metas, além de ajudar no desenvolvimento dos valores éticos e de cidadania para uma formação humanista e crítica. O esporte tem como uma de suas principais características romper barreiras, construir pontes e transgredir espaços, pois à partida são todos iguais (Melo, 2004; Correia, 2008; Conceição & Palhares, 2014). Especialmente sendo utilizada a dimensão social do esporte educacional que, segundo Tubino (2011), tem como premissa a formação para a cidadania com a inclusão e a democratização da prática esportiva

Há ainda diversos PSE e programas esportivos que acreditam que o esporte contribui para combater a exclusão social, por ser um facilitador no processo de socialização e profissionalização, proporcionando uma formação cidadã, através de atendimento médico e odontológico, acompanhamento com psicólogos e pedagogos, cursos profissionalizantes, entre outros benefícios. Dentre esses podemos citar o Programa Segundo Tempo, o PROFESP (Programa Forças no Esporte), Programa Minas Olímpica Geração Esporte, financiados por parcerias entre organizações governamentais e não governamentais. Defendem que a prática esportiva proporciona uma melhoria da qualidade de vida das crianças e adolescentes atendidos, através do ensino de valores como o jogo limpo, saber trabalhar em equipe, respeitar as regras, ter coragem, dedicação, superação de limites, ser resiliente, além de reconhecer a importância do esporte no âmbito recreativo e no incentivo a uma vida mais saudável, colaborando na coordenação motora e nas funções fisiológicas, entre outras. Um PSE comprometido em fazer a diferença na vida de seus alunos, tem como um de seus princípios, promover a solidariedade, por meio do esporte, mas também de atividades reflexivas para conscientização de ações coletivas, com espírito de equipe, e que todos devem ser sempre solidários, podendo resultar numa redução da violência (Silva *et al.*, 2013; Steigleder *et al.*, 2018; Osborne & Belmont, 2018; Galvão, 2019; Guimarães, Silva & Zampier, 2019; Murad, 2020).

Os PSE têm se consolidado na promoção de atividades físico esportivas, mas também como uma forma de melhorar a autoestima, sendo um grande facilitador na promoção de uma imagem corporal positiva, que permite ao sujeito encontrar lugares afetivos, vivências corporais, que oportunizam a reconstrução de sua identidade e, conseqüentemente, no seu desenvolvimento pessoal e profissional. Essas intervenções, muitas vezes, não vêm do poder público e sim de iniciativas individuais ou organizações, num movimento de baixo para cima, mobilizados em torno de um objetivo comum, acreditando que podem colaborar para uma sociedade mais justa e igualitária, especialmente usando a atividade física e o esporte como ferramenta (Tavares, 2003; Mattos & Silva, 2013; De Mattos *et al.*, 2010; Silva & Silva, 2013; Neves, Hirata & Tavares, 2015; Cortês Neto, 2018; Martins & da Silva Ilha, 2020; dos Santos, da Cunha & Montiel, 2022).

## **3.2. Imagem Corporal, Trauma, Resiliência**

### **3.2.1. Imagem corporal**

Para entendimento do conceito de Imagem Corporal e como a reconstruir, se faz necessário saber sua origem. As primeiras ideias para a definição do conceito de Imagem Corporal que se tem hoje vieram da



neurologia em 1905 pelo francês Pierre Bonnier, o primeiro a introduzir o termo ‘esquema corporal’ e formular sua definição. Assim, dando início aos estudos de Esquema Corporal, reconhecendo que determinadas partes neurológicas estavam diretamente ligadas ao esquema do corpo, e que a alteração das mesmas traz dificuldades para própria percepção corporal.

A partir de 1930 os estudos sobre ‘Imagem Corporal’ começam a se distanciar da visão unidirecional dos neurologistas e a se aproximarem de uma visão mais múltipla. Paul Schilder acreditava que a Imagem Corporal era a forma que o corpo se apresenta na mente, e que pode sofrer alterações devido a danos neurológicos, mas também pelo impacto das emoções causadas nas relações do homem. Ele era inovador para sua época, defendia que a Imagem Corporal deveria agregar aspectos fisiológicos e as experiências intrapsíquicas mediadas pela dimensão social, pois o corpo é uma unidade, além de ter sido o primeiro pesquisador a implementar a figura do corpo humano para ajudar nas pesquisas. A partir dele foi possível perceber que a visão da Imagem Corporal pelo próprio sujeito, não deveria ser analisada apenas para corrigir lesões cerebrais, mas a importância que a cultura, as atitudes e os sentimentos têm em cada comportamento humano, auxiliando em sua reconstrução, após um trauma psicológico (Campana & Tavares, 2009).

### **3.2.2. Trauma**

A sociedade atual está marcada pela violência e a injustiça social, onde os que mais sofrem são aqueles à margem da sociedade. Entre os mais suscetíveis estão crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social. Segundo Correia (2008, p. 116), “O conceito de vulnerabilidade social está associado aos direitos civis e sociais e às condições de cidadania que, por uma complexidade de fatores, deixam excluídos da condição de cidadãos diversos sujeitos e comunidades”. Entendendo que a vulnerabilidade social está relacionada com a falta de integração social e da distribuição de recursos que acabam por excluir essas pessoas da sociedade a falta de políticas públicas como: saúde, educação, saneamento, habitação, emprego, entre outros, acentua ainda mais a violência, causando diversos traumas nesses sujeitos (Correia, 2008; Osborne & Belmont, 2018).

Na contramão, esses sujeitos tentam sobreviver, apesar da vida difícil, com experiências traumáticas vivenciadas diariamente, frutos da sua vulnerabilidade social e econômica. Segundo Neves, Hirata e Tavares (2015), o “trauma paralisa o desenvolvimento do sujeito e, conseqüentemente, altera o dinamismo da imagem corporal: o sujeito não se desfaz, mas também, desconectado de si mesmo, não se reconstrói dinamicamente” (p. 99). Assim, numa realidade de violência urbana, onde a falta de políticas públicas atuantes, acabam limitando a mobilidade corporal dos sujeitos, o que influencia para que as primícias de zelo consigo e com o outro fiquem em segundo plano, pois nessas condições precárias o sujeito desenvolve uma distorção de sua imagem corporal, sendo ainda mais difícil superar os traumas e aprofundando as desigualdades sociais (Santos & Silva, 2020). Em se tratando de sujeitos em vulnerabilidade social, que cotidianamente sofrem diversos traumas ligados as suas condições sociais e culturais, desconstruir e reconstruir sua imagem corporal, é a grande questão para que ele intervenha em sua realidade social, possibilitando ao sujeito um melhor desenvolvimento de sua imagem corporal, colaborando na ressignificação dos elementos de sua vida e os incorporando à sua identidade (Tavares, 2003; Neves, Hirata & Tavares, 2015).

Cyrułnik (2004) afirma que todo trauma pode deixar um traço cerebral e afetivo encoberto na continuidade do desenvolvimento, que sempre estará presente, mesmo que oculto, não sendo reversível, porém podendo ser reparado, às vezes até para melhor. Então, para que o sujeito consiga sair da imobilização causada por diversos traumas, e para que aconteça a superação dessas adversidades, havendo uma ressignificação de sua imagem corporal e continuidade de vida, se faz necessário um potencial de reação, processo conhecido como resiliência (Tavares, 2003; Neves, Hirata & Tavares, 2015).

### 3.2.3. Resiliência

O termo resiliência ainda está em processo de construção, evoluindo, principalmente nas últimas décadas na área das ciências humanas, embora estudada por diferentes áreas de conhecimento, as diversas formas de pesquisas vêm contribuindo para a definição de seu conceito, tornando-o mais consistente (Oliveira *et al.*, 2008; Godoy *et al.*, 2010; Rozemberg, 2013).

Embora os estudos de resiliência tenham aumentado por volta da década de 1970 e 1980, Alexander (2013 apud Teixeira, 2016) relata que há indícios de que os primeiros registros do termo remontam a Cícero (106-43 a.C, na obra *Orationes*). Outro autor citado como precursor do uso do termo é o cientista inglês Thomas Young, que em 1807 empregou o termo na engenharia mecânica, explicando que a resiliência seria capacidade de um material voltar ao seu estado normal, mesmo depois de ter sofrido pressão sobre si (Brandão, Mahfoud & Gianordoli-Nascimento, 2011; Teixeira, 2016; Silva, 2019). Metaforicamente, Sabbag (2012) exemplifica que no Japão, um bambu conhecido como *take*, é cultuado, justamente por sua forma sólida e flexível, capaz de crescer com força, aliando solidez com leveza, facilitando sua capacidade de se recompor. Reflete ainda que valoriza a “gente-bambu”, por terem a capacidade de se envergarem, mas se recuperarem rapidamente, e até saírem mais fortes, depois de sofrerem adversidades na vida, indicando ser indivíduos resilientes.

A origem da palavra resiliência advém do latim *resilire*, *resilio*, onde o derivado *re* indica um retrocesso, e *salio* significa saltar, entendendo assim como voltar saltando, saltar para trás, recuperar-se, voltar ao normal, enfatizando seu significado, que a define como a capacidade elástica de um corpo, ou sua tendência de reconstrução, ou ainda de retomada a forma original (Brandão, Mahfoud & Gianordoli-Nascimento, 2011; Sabbag, 2012; Teixeira, 2016; Silva, 2019). Barbosa (2019) abrange um pouco mais ao explicar a etimologia da palavra *resilie*, onde *silie* que significa saltar ou impulsionar para algo, sendo entendido como tomada de um propósito ou meta, e *re* teria o significado de novamente, mais uma vez, ampliando o significado de resiliência, não se limitando ao conceito da física de suportar pressão, mas de algo mais ativo e construtivo.

Atualmente, o termo resiliência, já é mais utilizado pelas ciências humanas, do que pelas ciências exatas, onde o foco saiu de algo imutável de resistência e retomada, para um processo dinâmico de adaptação e transformação entre as adversidades da vida, incluindo as qualidades de flexibilização e elasticidade próprias do ser humano (Assis, Pesce & Avanci, 2006; Brandão, Mahfoud & Gianordoli-Nascimento, 2011; Silva, 2019). O conceito de resiliência vem sendo estudado com mais profundidade, desde a década de 1970, por psicólogos e psiquiatras, que passou a definir a resiliência como a “a habilidade de se acomodar e de se reequilibrar constantemente, frente às adversidades” (Assis, Pesce & Avanci, 2006, p.18).

Infante (2005) considera que a definição de resiliência que melhor representa a segunda geração de pesquisadores da área, é a de Luthar e outros (2000 *apud* Infante, 2005) onde acreditam ser um processo ativo que resulta de uma adaptação positiva após uma grande adversidade. A autora identifica três componentes básicos que devem estar contidos na definição de resiliência: 1) a percepção de adversidade, trauma, risco ou ameaça ao desenvolvimento; 2) a adaptação positiva ou superação da adversidade e 3) o processo ativo entre os componentes emocionais, cognitivos e socioculturais que influenciam no desenvolvimento do ser humano (Infante, 2005; Oliveira *et al.*, 2008). Melillo (2005) explica que o conceito de resiliência é “definido como a capacidade, de pessoas ou grupos, de enfrentar as adversidades da vida com êxito, e até sair fortalecido delas.” (p. 88). Já Grotberg (2005) entende a resiliência como: “A capacidade humana para enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências da adversidade.” (p. 15).

Enquanto Barbosa (2019) aponta que por conta da ampliação das pesquisas, houve uma evolução do termo resiliência, permitindo dividi-la em três fases: “os que suportam”, “os que se recuperam” e “os que transformam”. Na 1ª fase, “os que suportam”, foi onde se reconheceu e se entendeu a resiliência na pessoa, como ela resistia e suportava os desafios da vida, investigando os fatores de superação. Na 2ª fase, “os que se recuperam”, o foco foi olhar para o desenvolvimento de recursos para a recuperação das pessoas após uma adversidade, cita o Dr. Martin Seligman, que concentrou seus estudos na promoção das virtudes para contribuir na recuperação após uma adversidade. Na fase 3, “ao que transformam”, relata a ampliação da ideia de resiliência, não a limitando ao suportar e se recuperar das adversidades, mas desenvolver a capacidade de transformar a realidade, promovendo comportamentos resilientes (Barbosa, 2019).

Infante (2005) ao falar do desenvolvimento histórico do conceito de resiliência, também faz uma divisão nos grupos de pesquisadores, usando o termo geração e delimitando em duas. A 1ª geração de pesquisadores procurava identificar que fatores influenciavam no desenvolvimento das crianças que se adaptavam de forma positiva, apesar de condições adversas. Começam a ampliar o foco dos estudos, saindo da condição individual de superação, para estudar também como os fatores externos podem influenciar na resiliência. Organizaram os fatores resilientes em três grupos: atributos individuais, aspectos familiares, e as características dos ambientes sociais. A 2ª geração buscou identificar os processos de adaptação e desenvolvimento da resiliência, possibilitando a criação de estratégias para promover a resiliência e a qualidade de vida (Infante, 2005; Silva, 2019).

O estudo mais significativo apontado por diversos autores como marco no estudo da resiliência, se trata de uma pesquisa longitudinal, iniciada em 1955, com crianças no Havaí. O estudo conhecido como *Kauiai Longitudinal Study*, de Werner e Smith, durante 32 anos, monitorou 698 crianças nascidas no ano de 1955, com o objetivo de saber o impacto dos fatores de risco biológicos e sociais, e seus fatores de proteção. Contava com uma equipe interdisciplinar da área de saúde, que buscavam identificar que fatores diferenciavam as crianças que conseguiram positivamente conduzir suas vidas, embora expostas a diversas adversidades, como pobreza, estresse, falta de estrutura familiar, das crianças que se envolverem em situações de risco ou que desenvolveram alguma patologia psicológica (Werner, 2005; Melillo, 2005; Infante, 2005; Rozemberg, 2013; Barbosa, 2019; Silva, 2019).

No Brasil, o termo resiliência, adotado pela psicologia, se originou da física e da engenharia, e teve

como estudo pioneiro, em 1996, o trabalho que investigava a população de rua, através do Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua, o CEP-RUA, criado pela professora Silvia Helena Koller, associando o conceito à percepção dos sujeitos sobre a significação dos traumas e como reagem a esses acontecimentos (Godoy, 2010; Brandão, Mahfoud & Gianordoli-Nascimento, 2011; Silva, 2019). Apesar de diferentes conceitos, há um consenso nos estudos atuais, que a resiliência vai além da recuperação de um trauma, mas está relacionada à capacidade humana de superação, recuperação e adaptação de forma positiva diante às adversidades, sendo um crescimento pessoal. Outro ponto comum nos estudos, se refere ao fato de que a resiliência não é simplesmente um atributo pessoal e estático, mas uma capacidade variável e dinâmica, que pode ser promovida ao longo da vida, porém depende das circunstâncias internas e externas. Por envolver processos intrínsecos e extrínsecos, todas as pessoas têm potencial para desenvolverem mais ou menos a resiliência, pois vai depender de como enfrentam as situações adversas, como se encontram seus estados emocionais. Logo, a resiliência é construída conforme o processo interativo entre o sujeito e o meio, variando conforme as circunstâncias apresentadas, considerando o contexto onde o sujeito está inserido. Não sendo possível definir a pessoa, como sujeito resiliente em todas as fases de sua vida, mas um sujeito que foi resiliente em determinado momento. Cada pessoa apresenta a resiliência de forma diferente, pois, o que afetaria uma mesma pessoa num momento de vida, pode não afetar em outro, e, uma mesma adversidade, pode causar resultados iguais ou distintos em diferentes pessoas, por enfrentarem as situações com mais ou menos sofrimento, dependendo de sua maturidade e experiência (Oliveira *et al.*, 2008; Godoy *et al.*, 2010; Rozemberg, 2013; Silva, 2019).

(...) a resiliência se produz em função de processos sociais e intrapsíquicos. Não se nasce resiliente, nem se adquire a resiliência “naturalmente” no desenvolvimento: depende de certas qualidades do processo interativo do sujeito com outros seres humanos, responsável pela construção do sistema psíquico humano. (Melillo, Estamatti & Cuestas, 2005, p. 61).

Ainda são muitas as críticas ao conceito de resiliência, por existirem autores que definem o sujeito resiliente como aquele que tem a capacidade de superação de suas condições de vulnerabilidade, limitando o conceito a uma característica ideológica de sucesso individual e de uma adaptação passiva às normas sociais, imposta por uma sociedade autoritária, restringindo a resiliência como competência, gerando um estigma e um rótulo (Rozemberg, 2013).

Brandão, Mahfoud e Gianordoli-Nascimento (2011) descrevem que por conta do contexto histórico do pós-guerra, embora tenha aumentado as desigualdades sociais e econômicas, a inquietação social foi abafada por sistemas de previdência e seguro social, além das novas tecnologias estarem acessíveis às massas, fazendo com que o sujeito deixasse de compartilhar sua vida em público, imperando o individualismo sob a coletividade, e é nesse contexto que proliferam os estudos de resiliência, partindo de uma perspectiva individualista.

Contudo, diversos autores que estudam a resiliência, não consideram que a promoção da resiliência está ligada a uma conformidade e passividade, pelo contrário, alertam para o fato de que promover a resiliência não substitui a responsabilidade de atuação de políticas públicas de combate à miséria, violência e desigualdade social (Brandão, Mahfoud & Gianordoli-Nascimento, 2011).

Mas o que o patinho feio levará muito tempo para compreender é que a cicatriz nunca é segura. É uma fenda no desenvolvimento de sua personalidade, um ponto fraco que pode sempre se dilacerar sob os golpes do destino. Essa rachadura obriga o patinho a trabalhar incessantemente sua metamorfose interminável. Então, poderá levar uma vida de cisne, bela, porém frágil, porque nunca poderá esquecer seu passado de patinho feio. Mas, ao se tornar

cisne, poderá pensar nele de maneira suportável. Isso significa que a resiliência, o ato de se restabelecer e se tornar bonito apesar de tudo, nada tem a ver com a invulnerabilidade nem com o êxito social. (Cyrulnik, 2004, p. 4).

Ao considerar que, um sujeito resiliente, não é aquele capaz de suportar todas as adversidades, que tem um limite para tolerar a pressão do meio externo, se entende que a resiliência não é uma característica intrínseca, mas que as circunstâncias mudam, e os mecanismos da resiliência se modificam. A resiliência é uma característica provisória, imprevisível e dinâmica (Rozemberg, 2013; Silva, 2019).

Conforme afirma Cyrulnik (2004), para uma pessoa se tornar resiliente, precisa percorrer um longo caminho, e que a resiliência é baseada no caráter individual, no seu sentido cultural e na existência de um apoio social, ou seja, um tutor de resiliência. Destaca três aspectos na infância relacionado a resiliência como: 1. A conquista de recursos internos desenvolvidos nos primeiros meses de vida; 2. O tipo de trauma e qual significado ficou dessa ferida no contexto do menino e da menina. 3. As oportunidades de encontro para falar e agir. Aponta que havendo um clima familiar favorável, onde a criança se sente segura e confiante, para buscar ajuda externa quando necessário, acaba por gerar um fator de proteção afetiva, facilitando o desenvolvimento da resiliência. Enfatiza ainda, a importância de incluir outros fatores protetivos na infância, o humor e a fantasia, pois considera uns dos mais preciosos fatores de resiliência.

Assim, os profissionais que atuam em instituições e escolas, ao internalizarem o conceito de resiliência alinhado as propostas que vão ao encontro dos cuidados e proteção de crianças e adolescentes, e não a resiliência como característica ideológica, têm a possibilidade de estender o conceito à prática. Sendo possível, promover a resiliência em seus alunos, além de ser um alicerce para a superação de adversidades, pois suas atitudes estabelecem uma relação de confiança, na qual o aluno encontra no adulto, a pessoa que quer ajudá-la e que acredita na sua capacidade de aprender, ou seja, um tutor de resiliência (Melillo, 2005; Rozemberg, 2013).

Embora alguns autores “crucifiquem” os PSE, outros defendem que os PSE têm a sua importância e relevância no desenvolvimento de crianças e jovens das comunidades. “O esporte é um meio importante de socialização por conseguir atingir valores como coletivismo, amizade e solidariedade, que são relevantes para vencer as agruras da pobreza.” (Vianna & Lovisoló, 2011, p. 294). Os PSE, ao oportunizarem a prática de atividades esportivas a esses sujeitos, contribuem para a ressignificação dos traumas, colaborando na reconstrução da imagem corporal através da intervenção do professor de Educação Física. Por sua natureza profissional, consegue promover um ambiente de liberdade e confiança, mas, acima de tudo, de responsabilidade de forma a contribuir no desenvolvimento da resiliência. Neste sentido, o estudo de De Mattos et al. (2010) aduz que:

O esporte ocupa em nossa sociedade um lugar de destaque, logo se entende a importância da prática esportiva como instrumento de socialização, promoção da cidadania, sucesso profissional e pessoal. A utilização de estratégias de inclusão tem sido o foco de algumas instituições para combater as injustiças sociais e a falta de oportunidades geradas pelo sistema vigente (p. 236).

Ao analisar o PSE Fernanda Keller, Steigleder *et al.* (2020) afirmam que há um grande comprometimento por parte de toda a equipe de profissionais que lá atua. Existem cursos e treinamentos para aperfeiçoamento dos colaboradores, visando o alcance dos objetivos e missão da Instituição. Os relatos destacam o valor atribuído ao projeto na transformação social de jovens, comunidade e profissionais envolvidos direta ou indiretamente nas ações. Verifica-se, portanto, a importância atribuída a participação efetiva na transformação

social dos jovens que participam deste e de outros PSE.

Para Silva O. e Silva C. (2014) a legitimidade e visibilidade conquistada pelo PSE Boxe Vidigal, investigado por eles:

[...] são indicadores nítidos de um trabalho que tem impacto na comunidade [...]. Os relatos apontam que a característica principal da rede PBV prende-se à racionalidade comunicativa, entendida como substantiva, onde há prevalência dos valores, do respeito pelo outro, sobre a racionalidade instrumental, onde o principal se dá na relação custo/benefício, no lucro, e na técnica (p. 58).

Desta forma, ao valorizar os valores e o respeito pelo outro, os PSE, ao garantir um ambiente seguro e propício para seus alunos, juntamente com as atividades esportivas orientadas, possui ferramentas para o desenvolvimento da resiliência, colaborando numa transformação social de seus alunos e familiares. “Por isso o sujeito resiliente precisa contar com seus recursos, mas também com um ambiente social favorável para conseguir manter íntegra sua identidade, reestabelecida no seu desenvolvimento.” (Neves *et al.*, 2015, p. 100). A seguir, na tabela 1, apresenta-se a síntese dos artigos consultados na revisão.

**Tabela 1.** Trabalhos consultados.

ANO	TÍTULO	OBJETIVO	PERIÓDICO	AUTOR(ES)
2003	Imagem Corporal: Conceito e Desenvolvimento	Discutir o conceito e o desenvolvimento da imagem corporal.	Manole	Tavares, M. C. G. C. F.
2004	Lazer, Esporte e Cidadania: debatendo a nova moda do momento.	Discutir criticamente possíveis relações entre as novas configurações das políticas de esporte e a dita promoção da cidadania.	Movimento	Melo, M.P.
2004	Os Patinhos feios.	Discutir sobre traumas consequências no um traço cerebral e afetivo.	Martins Fontes	Cyrułnik, B.
2005	A resiliência como processo: Uma revisão de literatura recente.	Revisar a literatura sobre resiliência.	Artmed	Infante, F. (2005).
2005	Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas.	Discutir a resiliência.	Artmed	Melillo, A.
2005	Introdução: novas tendências em resiliência.	Discutir as novas tendências em resiliência.	Artmed	Grotberg, E. H.
2005	Alguns fundamentos psicológicos do conceito de resiliência.	Apresentar os conceitos psicológicos da resiliência.	Artmed	Melillo, A.; Estamatti, M.; Cuestas, A..
2008	Projetos sociais em educação física, esporte e lazer: reflexões e considerações para uma gestão socialmente comprometida.	Apresentar à educação física alguns conceitos já utilizados na área da gestão social, na tentativa de contribuir para melhorar essa situação apresentada anteriormente e possibilitar uma melhor intervenção dos profissionais de educação física, interessados na gestão de projetos sociais.	Arquivos em Movimento	Correia, M.M.
2008	Resiliência: análise das publicações no período de 2000 a 2006.	Revisar a literatura sobre resiliência.	Psicologia: ciência e profissão,	Oliveira, M. A. D., Reis, V. L. D., Zanelato, L. S., & Neme, C. M. B.
2006	Resiliência enfatizando a proteção dos adolescentes.	Mostrar a capacidade dos jovens de lidar de maneira positiva com as adversidades da vida como perda de pessoas queridas e violência.	Artmed	Assis, S. G. D., Pesce, R. P., & Avanci, J. Q. (2006).
2006	O modelo da hélice tríplice e o papel da educação física, do esporte e do lazer no	Propor a formação para o empreendedorismo cívico, em que coatuam universidade, empresa e	Revista Brasileira de	Da Silva, C. A.F., Terra, B.

	desenvolvimento local.	governo, tendo a atividade física, em suas múltiplas manifestações, como fator indutor do desenvolvimento social.	Ciências do Esporte	R. C., & Votre, S. J.
2009	Esporte, ensino e Educação Física.	Discutir aspectos relacionados à integração, inclusão exclusão no esporte.	Editora UFMS	Azevedo, A.C.B.
2009	Avaliação da Imagem Corporal: Instrumentos e diretrizes para pesquisa.	Apresentar instrumentos e diretrizes de pesquisa para avaliação de imagem corporal.	Phorte	Campana, Â. N. N. B.; Tavares, M. C. G. C. F.
2009	Programas de educação pelo esporte: qual formação está em jogo?	Denunciar equívocos dos pressupostos que fundamentam iniciativas em projetos esportivos, questionando seu potencial formativo, a partir do confronto do discurso do senso comum que relaciona educação e esporte, com exemplos extraídos do cotidiano e conceitos da sociologia, pedagogia e filosofia.	Revista Veja	Neira, M.G.
2010	O esporte náutico e a dinâmica da hélice tríplice no projeto Grael: um estudo de caso.	Promover a reflexão sobre o papel do esporte no desenvolvimento de regiões.	Revista Movimento	De Mattos, D. C., da Silva, C. A. F., Lopes, J. P. S. R., & Capinussú, J. M.
2010	Avaliação da resiliência em escolares do ensino médio.	Avaliar a resiliência de escolares.	Revista de Psicologia e Saúde	Godoy, K. A. B., Joly, M. C. R. A., Piovezan, N. M., Dias, A. S., & Silva, D. V. D.
2010	Educação física, desenvolvimento e inovação: o argumento da hélice tríplice.	Compreender o processo de inovação na área de educação física.	Motriz: Revista de Educação Física	Silva, C.A.F.D., Lopes, J.P.S.R, & Araújo Netto.
2011	A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens.	Descrever o conceito de resiliência em psicologia.	Paidéia	Brandão, J. M., Mahfoud, M., & Gianordoli-Nascimento, I. F.
2011	A inclusão social através do esporte: a percepção dos educadores.	Investigar a percepção de professores de educação física, que atuam em projetos de inserção social através do esporte em comunidades populares do município do Rio de Janeiro, sobre os seus alunos e a intervenção institucional.	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	Vianna, J. A., & Lovisolio, H. R.
2011	Dimensões Sociais do Esporte	Discute aspectos relacionados ao esporte educacional, de rendimento e de participação.	Cortez	Tubino, M.J.G.
2012	Resiliência: Competência para enfrentar situações extraordinárias na sua vida profissional	Refletir sobre resiliência e competência.	Elsevier.	Sabbag, P. Y.
2013	Resiliência na adolescência: uma reflexão sobre o potencial de superação de problemas em meninos e meninas.	Discutir a resiliência na adolescência.	Fundação Osvaldo Cruz	Rozemberg, L. B. (2013).
2013	Esporte e Lazer no Programa Minas Olímpica Geração Esporte-FHA: Espaços e Apropriações.	Apresentar o “Programa Minas Olímpica Geração Esporte”, da Fundação Helena Antipoff, suas características e seu entendimento de Esporte e Lazer.	Licere	Silva, L.T. et al.
2013	Boxe e Rede Solidária no Morro do Vidigal.	Analisar a rede colaborativa construída no Projeto Boxe Vidigal.	Unisuam	Silva, O. M.; Silva, C. A. F.

2013	Considerações sobre o esporte e o lazer: entre direitos sociais e projetos sociais.	Discutir o direito ao esporte e ao lazer na sociedade contemporânea, baseando-se nas imbricações entre este e a ascensão dos projetos esportivos sociais realizados por Empresas privadas ou instituições do Terceiro Setor.	Revista Interdisciplinar em Estudos do Lazer	Silveira, J.
2014	Refletindo sobre Projetos Esportivos Sociais e a Capoeira.	Apresentar e discutir os projetos esportivos sociais e a sua influência na vida de crianças e jovens.	Licere	Conceição, C.S.R, & Palhares, L.R.
2014	Desenho da rede de um projeto esportivo social: atores, representações e significados.	explorar os sentidos e significados atribuídos pelos atores de uma rede que desenvolve um projeto esportivo social.	Revista brasileira de educação física e esporte	Silva, O. M. D., & Silva, C. A. F. D.
2015	Imagem corporal, trauma e resiliência: reflexões sobre o papel do professor de Educação Física.	Incentivar à reflexão sobre promoção da resiliência no contexto escolar por meio da intervenção intencional do professor de Educação Física	Psicologia escolar e educacional	Neves, A. N., Hirata, K. M., & Tavares, M. D. C. G. C. F.
2016	Resiliência e Vulnerabilidade Social: Uma perspectiva para a educação sociocomunitária da adolescência	Discutir a educação sociocomunitária, resiliência e vulnerabilidade social.	Vozes	Teixeira, E. C.
2018	Resiliência em adolescentes participantes de projetos sociais esportivos.	Avaliar a resiliência de adolescentes participantes e não participantes de projetos sociais esportivos relacionando-a ao seu perfil sócio demográfico.	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Cortês Neto, E. D.
2018	Strategies for establishing partnerships between physical education and industry.	Identificar estratégias que aproximem o setor produtivo da Educação Física	Journal of Physical Education and Sport	Motta, C. F., Da Silva, C.A.F., & Dos Santos, R.F.
2018	Contribuições do Esporte e da Educação Física para um mundo melhor	Discutir questões relacionadas ao esporte e a promoção da paz.	Casa da Educação Física	Osborne, R., & Belmont, R.
2018	Alianças Intersetoriais e Projetos Esportivos Sociais No Brasil: Um Estudo De Caso na Cidade de Niterói.	Identificar as representações dos principais gestores envolvidos em um projeto esportivo social desenvolvido na cidade de Niterói e suas alianças intersetoriais.	Revista Intercontinental de Gestão Desportiva	Steigleder, M.L. et al.
2019	Conceitos Básicos da Resiliência. São Paulo.	Apresentar os conceitos básicos da resiliência.	SOBRARE.	Barbosa, M. (2019).
2019	O Programa Forças no Esporte como fator de inclusão social e desenvolvimento esportivo no Brasil.	Verificar se o Programa Forças do Esporte (Profesp), vertente do Programa Segundo Tempo, desenvolvido pelas Forças Armadas, é fator de inclusão social e desenvolvimento esportivo no Brasil.	E-Legis	Galvão, P.G.
2019	Visão dos pais sobre a participação de seus filhos em um programa esportivo social. Caderno de Educação Física e Esporte, 17(2), 133-141.	Apontar os pontos de vista dos pais sobre a participação de seus filhos em um programa esportivo social, o Programa Segundo Tempo.	Caderno de Educação Física e Esporte	Guimarães, C. G. M., Silva, S. A., & Zampier, J. E. D. L. C.
2019	Resiliência integral e juventudes periféricas: análise da experiência formativa no campo educacional.	Discutir a resiliência na juventude.	Universidade Federal de Pernambuco	Silva, M. L. F.
2020	A importância da prática do futsal na frequência escolar e na motivação dos alunos de uma escola especial.	Analisar a participação de alunos de uma escola especial em diferentes atividades educativas, a partir da experiência do Projeto Futsal.	Research, Society and Development	Martins, R. M., & da Silva Ilha, F. R.
2020	Sport as a vehicle for socio-educational transformation: a study of the Fernanda Keller Project.	Identificar as representações dos principais atores envolvidos no Projeto Fernanda Keller sobre os ambientes interno e externo da organização.	Motriz: Revista de Educação Física	Steigleder, M. L., Dos Santos, R. F., & Da Silva, C. A. F.



2020	Sociologia e Educação Física. Diálogos, Linguagens do Corpo, Esportes	Apresentar elementos da sociologia nas questões ligadas ao âmbito da Educação Física.	Editora FGV	Murad. M.
2022	O Punhobol na cidade do Rio Grande/RS: dos primeiros passos à consolidação como um esporte escolar.	Compartilhar a experiência do município do Rio Grande/RS, no que se refere ao registro histórico de implementação, realização e efetivação de ações voltadas ao Punhobol escolar.	Research, Society and Development	dos Santos, L. L., da Cunha, L. C., & Montiel, F. C.
2022	Professional Training in Educational Sports in Brazil: The Collaborating Teams of the Programa Segundo Tempo (PST)–Federal Government	Descrever as percepções de equipes que atuam com o esporte educacional e como elas se aproximam dos professores de Educação Física.	Research, Society and Development	Ribeiro, S.P., & Couto, A.C.P.

Fonte: autores.

#### 4. Conclusão

As favelas por si só já são traumáticas por conta da violência, da falta de políticas públicas como: saúde, educação, saneamento, habitação, emprego, entre outros. O aluno oriundo de uma realidade conturbada, além de traumas provocados por uma vida difícil, ainda carrega consigo experiências traumáticas vivenciadas diariamente, ou seja, traumas frutos da sua vulnerabilidade social e econômica. Por isso o trabalho dos PSE, se faz importante, pois pode contribuir para a ressignificação dos traumas, colaborando na reconstrução da imagem corporal através da atividade física, e desenvolvendo a resiliência dos alunos.

Um PSE sério, ao garantir um ambiente seguro e propício para o sujeito resiliente continuar sua trajetória, tem tudo para colaborar na intervenção social dele. Logo um PSE de qualidade, pode ser um grande motivador na realização dos sonhos de seus alunos, que jamais poderiam ser alcançados, sem algum suporte. Isto claro, sempre respeitando a experiência corporal e a cultura de cada um, suas especificidades e limitações.

Finalmente deve-se ressaltar que para uma melhor concretização do presente estudo se faz necessário uma coleta de dados para confirmação dos benefícios dos PSE na promoção da resiliência dos alunos atendidos. De qualquer forma, espera-se que este trabalho possa estimular mais pesquisas sobre PSE e seus desdobramentos e que colaborem para a organização de PSE comprometidos com uma verdadeira transformação social. As sugestões para estudos futuros incluem o acompanhamento de egressos de PSE e o impacto em suas carreiras profissionais, na ascensão social e econômica, além de trabalhos que possam fundamentar políticas públicas para o incremento dessas iniciativas. Outro ponto que merece análise é a participação de governos, empresas, universidades, sociedade civil no compartilhamento de responsabilidades para o desenvolvimento dos PSE.

#### Agradecimentos

Nossa gratidão à Universidade Salgado de Oliveira, que permitiu a execução deste trabalho concedendo bolsa integral de estudos à primeira autora.

#### Referências

- Alves-Mazzotti, A. J., & Gewandsznajder, F. (1999). O planejamento de pesquisas qualitativas. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*, 2, 147-176.
- Assis, S. G. D., Pesce, R. P., & Avanci, J. Q. (2006). *Resiliência enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre, ArtMed.
- Augusto, A. P. A. (2020). Trilhas no Parque Nacional da Tijuca: a atividade física, seus impactos e o papel do profissional de Educação

Física. 167f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Atividade Física) - Programa de Pós-graduação em Ciências da Atividade Física, Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO, Niterói.

Azevedo, A. C. B. (2009). Esporte, ensino e Educação Física. Malina, A.; Cesario, S. (Orgs) *Esporte: Fator de Integração e Inclusão Social?* Campo Grande, MS: Editora UFMS.

Barbosa, M. (2019). *Conceitos Básicos da Resiliência*. São Paulo, SOBRARE.

Bertolini, S. M. M. G. et al (2016). *Pesquisa Científica: Do Planejamento à Divulgação*. Jundiaí, Paco Editorial.

Brandão, J. M., Mahfoud, M., & Gianordoli-Nascimento, I. F. (2011). A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. *Paideia (Ribeirão Preto)*, 21, 263-271.

Campana, A. N. N. B.; Tavares, M. C. G. C. F. (2009). *Avaliação da Imagem Corporal: Instrumentos e diretrizes para pesquisa*. São Paulo, Phorte.

Castro, S. B. E., & Souza, D. L. (2011). Significados de um projeto social esportivo: um estudo a partir das perspectivas de profissionais, pais, crianças e adolescentes. *Movimento*, 17(4), 145-163.

Conceição, C. S. R., & Palhares, L. R. (2014). Refletindo sobre Projetos Esportivos Sociais e a Capoeira. *LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, 17(4), 236-256.

Correia, M. M. (2008). Projetos sociais em educação física, esporte e lazer: reflexões e considerações para uma gestão socialmente comprometida. *Arquivos em Movimento, Rio de Janeiro*, 4(1), 114-127.

Cortês Neto, E. D. (2018). Resiliência em adolescentes participantes de projetos sociais esportivos. 2018. 60f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

Cyrulnik, B. (2004). *Os Patinhos feios*. São Paulo, Martins Fontes.

da Silva, C. A. F., Terra, B. R. C., & Votre, S. J. (2008). O modelo da hélice tríplice e o papel da educação física, do esporte e do lazer no desenvolvimento local. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 28(1).

De Mattos, D. C., da Silva, C. A. F., Lopes, J. P. S. R., & Capinussú, J. M. (2010). O esporte náutico e a dinâmica da hélice tríplice no projeto Grael: um estudo de caso. *Movimento (Porto Alegre)*, 16(3), 219-237.

dos Santos, L. L., da Cunha, L. C., & Montiel, F. C. (2022). O Punhobol na cidade do Rio Grande/RS: dos primeiros passos à consolidação como um esporte escolar. *Research, Society and Development*, 11(1), e47011125270-e47011125270.

Fiocruz. Diagnóstico *Cidade de Deus*. Disponível em:

[https://www.fiocruz.br/wpcontent/uploads/2017/09/RodaConversa\\_DiagnosticoCDD\\_Jacob.pdf](https://www.fiocruz.br/wpcontent/uploads/2017/09/RodaConversa_DiagnosticoCDD_Jacob.pdf).

Galvão, P. G. (2019). O Programa Forças no Esporte como fator de inclusão social e desenvolvimento esportivo no Brasil. **E-Legis**, Brasília, Número Especial – Pesquisas e Políticas sobre Esporte, p. 116-148.

Godoy, K. A. B., Joly, M. C. R. A., Piovezan, N. M., Dias, A. S., & Silva, D. V. D. (2010). Avaliação da resiliência em escolares do ensino médio. *Rev Psicol Saúde*, 18(1/2), 79-90.

Grotberg, E. H. (2005). Introdução: novas tendências em resiliência. Melillo, A.; Ojeda, E. N. S. (Orgs). *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed.

Guimarães, C. G. M., Silva, S. A., & Zampier, J. E. D. L. C. (2019). Visão dos pais sobre a participação de seus filhos em um programa esportivo social. *Caderno de Educação Física e Esporte*, 17(2), 133-141.

Hecktheuer, L. F. A., & da Silva, M. R. S. (2011). Projetos sociais esportivos: vulnerabilização e governo. *Movimento*, 17(3), 115-132.

Hohendorff, J. V. Como escrever um artigo de revisão de literatura. In: Koller, S. H.; Couto, M. C. P. P.; Hohendorff, J. V. (Orgs). *Manual da produção científica*. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 39-54.

Infante, F. (2005). A resiliência como processo: Uma revisão de literatura recente. Melillo, A.; Ojeda, E. N. S. (Orgs). *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed. p. 23-38.

Martins, R. M., & da Silva Ilha, F. R. (2020). A importância da prática do futsal na frequência escolar e na motivação dos alunos de uma escola especial. *Research, Society and Development*, 9(8), e191985540-e191985540.

Mattos, D. C.; Silva, C. A. F. (2013). O Esporte da Vela em Jurujuba: um Estudo de caso. Costa, Claudia Freitas Lopes. E Silva, Carlos Alberto Figueiredo. (Orgs) *FavelaSport: Estudo sobre o fenômeno esportivo em comunidades do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, UNISUAM. p. 146 – 167.

- Melillo, A. (2005). *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre, Artmed.
- Melillo, A.; Estamatti, M.; Cuestas, A. (2005). Alguns fundamentos psicológicos do conceito de resiliência. In: MELILLO, Aldo; OJEDA, Elbio Néstor Suárez. *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre, Artmed. p. 59-72.
- Melo, M. P. (2004). Lazer, Esporte e Cidadania: debatendo a nova moda do momento. *Movimento (Porto Alegre)*, 10(2), 105-122.
- Motta, C. F., Da Silva, C. A. F., & Dos Santos, R. F. (2018). Strategies for establishing partnerships between physical education and industry. *Journal of Physical education and Sport*, 18(3), 1524-1532.
- Murad, M. (2020). [\*Sociologia e Educação Física. Diálogos. Linguagens do Corpo. Esportes\*](#). Rio de Janeiro: FGV.
- Neira, M. G. (2008). Programas de educação pelo esporte: qual formação está em jogo?. *Revista Veja*, 5, 03.
- Neves, A. N., Hirata, K. M., & Tavares, M. D. C. G. C. F. (2015). Imagem corporal, trauma e resiliência: reflexões sobre o papel do professor de Educação Física. *Psicologia escolar e educacional*, 19, 97-104.
- Oliveira, M. A. D., Reis, V. L. D., Zanelato, L. S., & Neme, C. M. B. (2008). Resiliência: análise das publicações no período de 2000 a 2006. *Psicologia: ciência e profissão*, 28, 754-767.
- Osborne, R.; Belmont, R. (2018). Contribuições do Esporte e da Educação Física para um mundo melhor. In: BENTO, Jorge Olímpio. et al (Orgs). *Cuidar da Casa Comum: Da natureza, da vida, da humanidade. Oportunidades e responsabilidades do Desporto e da Educação Física*. Belo Horizonte: Casa da Educação Física. 2. p.111 – 120.
- Ribeiro, S. P., & Couto, A. C. P. (2022). Professional Training in Educational Sports in Brazil: The Collaborating Teams of the Programa Segundo Tempo (PST)–Federal Government. *Research, Society and Development*, 11(1), e0311124269-e0311124269.
- Rozemberg, L. B. (2013). Resiliência na adolescência: uma reflexão sobre o potencial de superação de problemas em meninos e meninas. 107f. Dissertação (Mestre em Ciências na área de Saúde Pública) – Escola Nacional de

### 3 ARTIGO DE RESULTADOS

## Projeto Social Esportivo e Resiliência: O Caso do Projeto SORriA

Luciana Bernardes Vieira de Rezende Hersen Monteiro

Carlos Alberto Figueiredo da Silva

Renata Osborne

Carla Isabel Paula da Rocha de Araújo

Míriam Raquel Meira Mainenti

### RESUMO

A sociedade atual está marcada pela violência e injustiça social, onde os que mais sofrem são aqueles à margem da sociedade. Entre os mais suscetíveis estão crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social. Em meio a tantas necessidades algumas intervenções para a diminuição da violência e oferta de oportunidades educacionais e esportivas têm se manifestado no campo do esporte. O Projeto SORriA, há mais de 20 anos, apresenta-se como oportunidade para os alunos do INPAR (Instituto Presbiteriano Álvaro Reis) se perceberem integrantes e agentes transformadores do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria da sociedade, ampliando seus horizontes, para dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais, através do esporte, especialmente o esporte Orientação. O objetivo geral do presente estudo é identificar qual a percepção de alunos egressos do Projeto SORriA (Projeto Social de Orientação e Atividades Esportivas) em relação à influência dele em sua formação como cidadãos resilientes. Como desdobramento do objetivo geral, foram formulados os seguintes objetivos específicos: 1. quantificar o grau de resiliência dos alunos do Projeto SORriA; 2. verificar o desenvolvimento da resiliência nos alunos do Projeto SORriA. O estudo se desenvolve com uma abordagem qualitativa e quantitativa, no qual houve a aplicação da escala de resiliência, para 20 alunos egressos, que participaram ativamente do Projeto SORriA, um questionário socioeconômico com 18 perguntas; e, por fim, foi realizado um grupo focal, com uma entrevista semiestruturada e a participação de 12 alunos egressos. Conclui-se que os PSE impactam positivamente seus alunos, de forma que a prática esportiva colabora na formação de sujeitos resilientes, já que colabora para que tenham um suporte para superar as adversidades do esporte, mas também ajuda a desenvolver recursos para enfrentar os obstáculos da vida.

**Palavras-chave:** Resiliência; projetos sociais esportivos; educação física, esporte, atividade física

### ABSTRACT

Today's society is marked by violence and social injustice, where those who suffer the most are those on the margins of society. Among the most susceptible are children, adolescents, and young people in situations of social vulnerability. Some interventions to reduce violence and offer educational and sports opportunities have been manifested in the field of sport. The SORriA Project, for more than 20 years, presents itself as an opportunity for INPAR students (Instituto Presbiteriano Álvaro Reis) to perceive themselves as members and transforming agents, identifying its elements and the interactions between them, actively contributing to the improvement of the environment. Society is expanding its horizons, to affective, cognitive, and sociocultural dimensions, through sport, mainly Orienteering sport. The present study's general objective is to identify students' perceptions of the SORriA Project (Social Project of

Orientation and Sports Activities) about its influence on their formation as resilient citizens. As an unfolding of the general objective, the following specific objectives were formulated: 1. quantify the degree of resilience of the students of the SORriA Project; 2. verify the development of resilience in the students of the SORriA Project. The study is developed with a qualitative and quantitative approach, in which the resilience scale was applied to 20 graduating students who actively participated in the SORriA Project, a socioeconomic questionnaire with 18 questions; and, finally, a focus group was carried out, with a semi-structured interview and the participation of 12 graduating students. It concluded that PSE positively impacts their students, so that sports practice collaborates in the formation of resilient subjects, as it helps them to have support to overcome the adversities of sport, but also helps to develop resources to face the obstacles of the sporting life.

**Keywords:** Resilience; sports social projects; physical education, sport, physical activity

### 3. 1 INTRODUÇÃO

A sociedade atual está marcada pela violência e injustiça social, onde os que mais sofrem são aqueles à margem da sociedade. Entre os mais suscetíveis estão crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social.

Vivemos em uma época de insegurança, de sofrimentos humanos constantes, onde as pessoas são vítimas de injustiça, ódio, fome e doenças. Muitas sociedades vivem um período de decadência de valores morais. Os seres humanos matam uns aos outros, em guerras que parecem não ter fim, que destroem a vida ao seu redor com seu estilo de vida predador. (OSBORNE; BELMONT, 2018, p. 111).

Em meio a tantas necessidades algumas intervenções para a diminuição da violência e oferta de oportunidades educacionais e esportivas têm se manifestado no campo do esporte. “Uma estratégia que vem despontando no combate às vulnerabilidades psicossociais articulando resiliência e inclusão social são os projetos sociais esportivos” (CÔRTEZ NETO, 2018, p.15).

Sendo assim, o presente estudo pretende contribuir para o entendimento do desenvolvimento da resiliência através do esporte, para isso se faz necessário o conhecimento do termo da resiliência utilizado.

Apesar de diferentes conceitos, há um consenso nos estudos atuais, que a resiliência vai além da recuperação de um trauma, mas está relacionada à capacidade humana de superação, recuperação e adaptação de forma positiva diante às adversidades, sendo um crescimento pessoal. Outro ponto comum nos estudos, se refere ao fato de que a resiliência não é simplesmente um atributo pessoal e estático, mas uma capacidade variável e dinâmica, que pode ser promovida ao longo da vida, porém depende das circunstâncias internas e externas. Por envolver processos intrínsecos e extrínsecos, todas as pessoas têm potencial para desenvolverem mais ou menos a resiliência, pois vai depender de como enfrentam as situações adversas, como se encontram seus estados emocionais. Logo, a resiliência é construída conforme o processo interativo entre o sujeito e o meio, variando conforme as

circunstâncias apresentadas, considerando o contexto em que o sujeito está inserido. Não sendo possível definir a pessoa, como sujeito resiliente em todas as fases de sua vida, mas um sujeito que foi resiliente em determinado momento. (MONTEIRO *et al*, 2022, p. 8)

O Projeto SOrriA, há mais de 20 anos, apresenta-se como oportunidade para os alunos do INPAR (Instituto Presbiteriano Álvaro Reis) se perceberem integrantes e agentes transformadores do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria da sociedade, ampliando seus horizontes, para dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais, através do esporte, especialmente o esporte Orientação (INPAR, 2022). “O esporte é um meio importante de socialização por conseguir atingir valores como coletivismo, amizade e solidariedade, que são relevantes para vencer as agruras da pobreza.” (VIANNA; LOVISOLO, 2011, p. 294)

O presente estudo se desenvolve com uma abordagem qualitativa e quantitativa, no qual houve a aplicação da escala de resiliência desenvolvida por Wagnild e Young (1993), aplicada a 20 alunos egressos e que participaram ativamente do Projeto SOrriA. Assim, como de um questionário socioeconômico com 18 perguntas, elaborado pelos autores. Posteriormente, foi efetuado um grupo focal, com uma entrevista semiestruturada com a participação de 12 alunos egressos (THOMAS; NELSON; SILVERMMAN, 2012).

Na década de 1990, surgiram diversos Projetos Sociais Esportivos (PSE) com o intuito de complementarem ou substituírem processos educativos formais, em especial para crianças e jovens em vulnerabilidade social (HECKTHEUER; SILVA, 2011). Por se tratar de um tema relativamente novo, no âmbito da ciência, ainda há poucos estudos que relacionam PSE e o desenvolvimento da resiliência. Dentre eles, Côrtes Neto (2018) que verificou que a participação de adolescentes em PSE pode torná-los mais resilientes. Brandão e Fontes (2013) acham difícil concluir se as atletas se tornaram resilientes a partir das adversidades no esporte ou se conseguiram enfrentar as adversidades por serem pessoas resilientes, acreditam que um estudo longitudinal poderia responder a essa questão. Sanches (2007) constatou que o PSE investigado contribuiu para o fortalecimento psicológico dos alunos atendidos, promovendo a resiliência desses jovens. Com poucos estudos e algumas divergências, o presente estudo pretende contribuir mais para a temática PSE e o desenvolvimento da resiliência.

O objetivo geral do presente estudo é identificar qual a percepção dos alunos egressos do Projeto SOrriA (Projeto Social de Orientação e Atividades Esportivas) em relação a influência do Projeto em sua formação como cidadãos resilientes. Como desdobramento do objetivo geral, foram formulados os seguintes objetivos específicos: 1. quantificar o grau de

resiliência dos alunos do Projeto SOrriA; 2. verificar o desenvolvimento da resiliência nos alunos do Projeto SOrriA; 3. Verificar o desenvolvimento da resiliência nos alunos do Projeto SOrriA.

### **3.2 METODOLOGIA**

O termo método está relacionado ao caminho do método científico, desde a pergunta até o fim da pesquisa, porém não deve ser confundido com a técnica da pesquisa, que se refere as estratégias e procedimentos utilizados para coleta e registro de dados (TARQUETTE; BORGES, 2020).

O presente estudo se configura como uma pesquisa social, pois seu objeto de estudo é um Projeto Esportivo Social, no qual o objetivo é identificar qual a percepção dos alunos egressos do Projeto SOrriA em relação à influência do Projeto em sua formação como cidadãos resilientes. Minayo (2002) ressalta que uma pesquisa social é “tateante”, e conforme sua progressão, vai elaborando critérios cada vez mais precisos. Em uma pesquisa social, na qual inicialmente não se pode definir muita coisa, o método escolhido mais utilizado é o indutivo. É um método mais generalizado, em que se começa a analisar de algo mais particular para uma questão mais ampla, mais geral (LAKATOS; MARCONI, 2003).

A metodologia de uma pesquisa científica é classificada de várias formas de acordo com sua natureza, objetivo, procedimento, abordagem, entre outros (BERTOLINI et al., 2016).

Sendo assim, quanto à natureza, se trata de pesquisa aplicada, pois se busca desenvolver conhecimentos que possam ser utilizados para a solução de algum problema específico. Parece ser a escolha ideal para a tal pesquisa, já que se pretende analisar o a resiliência dos alunos que sofreram influência de um projeto social esportivo (BERTOLINI et al., 2016).

Em relação ao objetivo, se classifica como estudo exploratório, pois busca saber o resultado de uma determinada ação/organização, conforme defende Yin (2001), e que tem como objetivo desenvolver hipóteses e proposições pertinentes à pesquisa estudada, em se no caso específico: o Projeto SOrriA.

O procedimento adequado a esta pesquisa é o estudo de caso, fundamentado também por Yin (2001, p. 32). Segundo o autor um: “estudo de caso é uma investigação empírica, que

investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. Já que se trata de um assunto específico no qual pouco se sabe e procura-se entender melhor, no caso se o Projeto SOrriA teve alguma influência na formação resiliente de seus alunos egressos. O estudo de caso refere-se ao estudo de um caso em sua realidade (YIN, 2016).

Yin (2001) defende que um estudo de caso salienta a relevância de se utilizar tanto a pesquisa qualitativa quanto a quantitativa, como forma de se complementarem, pois ao unir os dois métodos, há uma maior amplitude da perspectiva do estudo, tendo melhor aproveitamento dos dados, obtendo um panorama mais completo da pesquisa.

Assim, quanto à abordagem, optou-se pela utilização da pesquisa mista, coletando e analisando os dados tanto de forma qualitativa e quanto quantitativa. A escolha de unir os métodos qualitativos e quantitativos, se deu por conta da maior riqueza de relacionar uma escala de resiliência com perfil socioeconômico, além da fala dos ex-alunos, através de um grupo focal, aproveitando os dados para chegar a um resultado mais completo sobre o desenvolvimento da resiliência. Creswell e Clark (2013) reconhecem que o método misto proporciona mais evidências para o estudo, por poder utilizar todas as ferramentas de coleta de dados disponíveis, ressaltando que a combinação das potencialidades de uma abordagem compensa a fragilidade da outra.

De acordo com Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2002), a abordagem qualitativa possui uma grande variedade de coleta de dados. A ferramenta utilizada para coleta dos dados foi um formulário online no GoogleForms, contendo a escala de resiliência (ANEXO C) desenvolvido por Wagnild e Young (1993), que possui 25 itens descritos de forma positiva com resposta tipo Likert variando de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). Os escores da escala oscilam de 25 a 175 pontos, com valores altos indicando elevada resiliência. Este já foi adaptado para o português, por Pesce et al. (2005), creditando uma boa confiabilidade e validade desse instrumento. A versão brasileira do instrumento é advinda de uma amostra de 997 alunos de escolas públicas, com idades entre 12 e 19 anos, onde foi sugerida uma solução fatorial de três dimensões, diferente da tradicional de duas dimensões. E contendo também, o questionário socioeconômico (APÊNDICE B) com 18 perguntas relacionadas ao cotidiano familiar e profissional, respondido por 22 alunos de forma online, onde 2 respostas foram descartadas, já que se tratava da mesma pessoa, ficando válidas 20 respostas.



E nesse estudo, além da escala de resiliência e do questionário de perfil socioeconômico, foi realizado um grupo de foco, onde foi feita uma entrevista semiestruturada (APÊNDICE C) aos ex-alunos (THOMAS; NELSON; SILVERMMAN, 2012).

Cerca de 30 alunos egressos que participaram ativamente do Projeto SOrrIA foram contatados, objetivando ter uma amostra significativa, onde 20 preencheram de forma remota à escala de resiliência e ao questionário de perfil socioeconômico. Posteriormente, 12 dos que preencheram o formulário, participaram do grupo focal, também de forma remota, por conta do aumento de casos de Covid. O grupo de foco foi gravado em áudio e vídeo, e a conversa transcrita integralmente. Foram utilizados nas transcrições e citações somente a letra inicial dos entrevistados para uma maior confidencialidade, sendo os participantes motivados a ouvir o que os outros tinham a dizer, possibilitando estimular a reformulação das próprias opiniões, e até mudanças das mesmas (GASKEL, 2008; THOMAS; NELSON; SILVERMMAN, 2012). Em seguida, a transcrição foi encaminhada aos entrevistados para validação de suas declarações, e uma maior credibilidade da pesquisa. Também foi realizado, para um melhor fomento da credibilidade, o questionamento em pares, através do convite a colegas para análise dos dados, e ainda a triangulação com os dados quantitativos (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2002).

A análise dos dados da presente pesquisa mista, foi realizada de forma convergente, em que cada tipo de coleta dos dados e os resultados foram analisados separadamente usando as técnicas tradicionais, para depois discutir se havia convergência, divergência, relação e/ou entendimento mais completo nos resultados dos dois tipos de pesquisa (CRESWELL; CLARK, 2013).

Primeiramente, foram analisados os resultados quantitativos da escala de resiliência e o questionário do perfil socioeconômico, utilizando a estatística descritiva, já que ela resume as principais características de um conjunto de dados numéricos (GUIMARÃES, 2008). Segundo Marconi e Lakatos (1996), a estatística descritiva apresenta a informação num conjunto de dados (tabelas, gráficos) de forma objetiva e de fácil compreensão. Foi utilizada a frequência absoluta (quantidade) e relativa (percentual) para essa finalidade.

Para a análise dos dados qualitativos, por se tratar de uma pesquisa social, na qual os principais atores são os alunos egressos do Projeto SOrrIA, foi escolhida a etnometodologia por considerar uma ferramenta compatível com seus objetivos, pois conforme afirmam Silva e

Votre (2012, p. 13): “A etnometodologia se propõe a privilegiar as abordagens microssociais dos fenômenos, dando maior importância à compreensão do que à explicação”. Defendem ainda, que a etnometodologia valoriza o ator, dando-o a condição de autor, sendo o objeto essencial da pesquisa, representando sua realidade e não o que é imposto pela sociedade. E para se chegar a resultados satisfatórios, se faz necessário um bom delineamento da análise dos dados (VIEIRA, 2009).

Silva e Votre defendem ainda que: “todos somos sociólogos em estado prático, de modo que o real já se acha compreendido e descrito pelas pessoas e que cada grupo social é capaz de compreender a si mesmo, comentar-se e analisar-se” (2012, p. 12).

A etnometodologia é a pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar as suas ações de todos os dias: comunicar-se, tomar decisões, raciocinar. Para os etnometodólogos, a etnometodologia será, portanto, o estudo dessas atividades cotidianas. (COULON, 1995, p. 30)

Foi de extrema importância, que a coleta e análise, acontecessem ao máximo, simultaneamente, para um contato mais próximo do pesquisador com os dados, e assim, evitar que o andamento saísse do foco da pesquisa (THOMAS; NELSON; SILVERMMAN, 2012). Ao concluir a análise dos dados, cabe ressaltar a importância de estar ciente que o produto de uma pesquisa é sempre provisório, pois pode ser superado por outras afirmações futuras (MINAYO, 2002).

A presente pesquisa foi aprovada submetida ao Comitê de Ética da Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO, registrado pela Plataforma Brasil sob o número de CAAE: 52193721.0.0000.5289 e parecer de número: 5.029.304 (ANEXO B). Todos os participantes da pesquisa foram convidados a participarem de forma voluntária, tendo o direito de saber de que tipo de pesquisa participariam (VIEIRA, 2009).

Antes de participarem, receberam, concordaram e assinaram (eletronicamente) o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE C), sempre respeitando os princípios éticos para realização da pesquisa com seres humanos e, permitindo que estes tomassem uma decisão autônoma (esclarecida e sem constrangimentos) sobre a sua participação na pesquisa. As orientações previstas na Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 - que aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, foi fielmente seguida, bem como a Resolução nº 510 de 07 de abril de 2016 - que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

### 3.3 PROJETO SOrriA

O Projeto SOrriA (Projeto Social de Orientação e Atividades esportivas) há 20 anos promove o desenvolvimento integral dos alunos do INPAR (Instituto Presbiteriano Álvaro Reis de Assistência à Criança e ao Adolescente), considerando a dimensão socializadora do esporte, seu vínculo educacional, de inclusão social, e melhoria na qualidade de vida. Para isso, faz uso de intervenções pedagógicas voltadas para enfrentar as principais demandas dos alunos, como: promover o respeito às individualidades por meio do acolhimento de todas as crianças, adolescentes e jovens (INPAR, 2022).

O INPAR foi fundado em 1910 como orfanato para abrigar crianças órfãs em decorrência de epidemia de febre amarela em Mojimirim (São Paulo). Anos mais tarde, o trabalho foi ampliado, devido à epidemia de gripe espanhola no Rio de Janeiro. Desde 1923, o INPAR está situado à Rua Edgard Werneck, 846, Jacarepaguá, Rio de Janeiro e vem atendendo milhares de crianças e adolescentes de forma totalmente gratuita desde então. Apesar de sua longa existência, o Instituto não deixou de acompanhar as transformações sociais, evidenciadas na evolução dos próprios conceitos que embasam sua prática, mudando o paradigma de assistencialismo para assistencial. Desta forma, mantém missão de solidariedade e acolhimento, porém fomentando postura empreendedora e autônoma, oportunizando integração e inclusão social (INPAR, 2022).

O Projeto SOrriA tem enfoque cultural, que desenvolve uma Educação Física mais crítica e democrática, e nessa perspectiva, o currículo é construído e desenvolvido com as manifestações da cultura corporal do movimento conforme o grupo social, respeitando suas experiências culturais, podendo toda e qualquer manifestação fazer parte do currículo, assim as aulas são espaços onde as diferentes práticas corporais são estudadas, analisadas e vivenciadas. Neira (2011a) afirma que o currículo cultural da Educação Física é uma arena de disseminação de sentidos, de polissemia, de produção de identidades voltadas para a análise, interpretação, produção, questionamento das representações e diálogo entre e as culturas e a partir delas (INPAR, 2022).

A inclusão de outros conhecimentos no currículo torna perceptíveis os hibridismos e mestiçagens que caracterizam a cultura corporal, desencadeia novos olhares dos alunos sobre si próprios e sobre aqueles com os quais convivem, além de facilitar o fluxo entre o local e o global, entre a comunidade de prática e a sociedade mais ampla. (NEIRA, 2014, p. 17).

O Projeto SOrriA propicia aos alunos o esporte Orientação, que apresenta características de grande potencial educacional. Consiste em praticar navegação em locais desconhecidos, com apoio de mapa e bússola, buscando pontos demarcados no terreno em menor tempo possível. Pode configurar excelente ferramenta pedagógica, rompendo radicalmente com a educação tradicional e excludente, a qual torna o estudante limitado e dependente, pois demarca a direção a seguir e como fazer. Apresenta-se como desafio interessante para os estudantes, pois exige dos praticantes diversas competências, tais como: interpretação de mapas, orientação em espaços desconhecidos, resolução de problemas, alta atividade intelectual, controle psicológico e físico. O esporte Orientação propicia a percepção de maneira crítica a relação homem e natureza, pois coloca os indivíduos em contato com meio ambiente e proporciona os mesmos a tomarem consciência de que este espaço natural pode ser usufruído de maneira responsável e prazerosa. Além de ser um esporte de sociabilização, facilitando as relações interpessoais e a troca de experiências, oferecendo aos praticantes um desenvolvimento físico, cognitivo e social, para uma melhor qualidade de vida (PASINI, 2004).

Desde 2004, os alunos que se identificam com o esporte Orientação são convidados a integrarem a equipe que participa dos Campeonatos de Orientação seja estadual, brasileiro, Sul-americano e até mesmo Mundial. Com o apoio de doadores, de transporte da Escola de Educação Física da UFRJ, do próprio INPAR, entre outras parcerias, os alunos do Projeto SOrriA já conhecem muito do Brasil e até do mundo. O principal objetivo não é formação de atletas, e sim abrir oportunidades por meio do esporte para abrirem seus horizontes, mas não se pode também frear um talento quando ele aparece.

Como sabemos, a correta iniciação esportiva e a prática contínua podem vir a desenvolver o talento de algumas crianças e adolescentes, o que não lhes pode ser negado, porém isso nunca pode ser o foco do PSE ou do Profesp, e sim uma consequência de um trabalho bem realizado, sem que as etapas sejam desrespeitadas. O foco principal deve ser a inclusão social das crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social por meio da prática de atividade física e esporte (GALVÃO et al, 2019, p. 144).

### 3.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os alunos do INPAR refletem as condições de vulnerabilidade social da comunidade que vivem. O sistema de indicadores do “Rio Como Vamos” alerta que a Cidade de Deus e bairros adjacentes apresentam indicadores sociais críticos. As Escolas Municipais dentro da área de abrangência do projeto apresentam Ideb entre 4,5 e 6,5, ou seja, bem abaixo do valor de referência, porém, com o crescimento contínuo que conseqüentemente aumenta o número de cidadãos com baixa escolaridade que provavelmente encontrarão dificuldade de se inserir no mercado de trabalho e com grande possibilidade dessas crianças e/ou adolescentes ficarem à margem da sociedade (FIOCRUZ, 2017). “É fundamental admitir os problemas que vivemos e buscar uma autoeducação para sermos mais construtivos e preservadores da vida” (OSBORNE; BELMONT, 2018, p. 111).

Em relação ao nível de resiliência, das 20 respostas validadas, 1 foi *Muito Baixa*, 1 considerada *Baixa*, 7 são *Moderadamente Alta*, 7 se enquadram na *Alta* e 4 na maior faixa *Muito Alta* (Tabela 1).

Nível de resiliência nos alunos egressos do Projeto SOrriA		
Valor	Classificação	Alunos egressos
25 A 100	MUITO BAIXA	1
101 A 115	BAIXA	1
116 A 130	MODERADAMENTE BAIXA	0
131 A 145	MODERADAMENTE ALTA	7
146 A 160	ALTA	7
161 A 175	MUITO ALTA	4
		20
O resultado é dividido em seis classificações, muito baixa de 25 a 100, baixa 101 a 115, moderadamente baixa: 116 a 130, moderadamente alta 131 a 145, alta 146 a 160 e muito alta 161 a 175 (PESCE et al 2005)		

Tabela 1

Foram comparados os dados da escala de resiliência com os dados obtidos no questionário socioeconômico, destacando as igualdades para refletir o grau da escala de resiliência.

Dos 4 alunos egressos com *Resiliência Muito Alta*, duas são mulheres e dois são homens, todos têm pais separados. Apenas um não é independente financeiramente, embora a faixa salarial seja baixa de até 2 salários-mínimos, e apenas 1 cursando faculdade. Constata-se que uma provável falta de apoio familiar, os fazem lutar ainda mais por uma vida digna,

precisando desenvolver ainda mais a resiliência.

Percebe-se que se faz necessário uma tomada de consciência para saírem da inércia, para mostrarem que podem e devem mais. Bourdieu, ao explicitar o poder simbólico, ressalta que é um poder e que legitima outras formas de poder, logo é preciso conhecimento para gerar mudança. “Poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo, e deste modo, a ação sobre o mundo” (BOURDIEU, 1989, p. 14). E para haver a mudança deve-se romper com estigmas impostos pela sociedade dominante. “Os processos de estigmatização parecem ter uma função social geral - a de recrutar apoio para a sociedade entre aqueles que não são apoiados por ela - e, presumivelmente, nesse nível, são resistentes à mudança” (GOFFMAN, 2017, p. 149).

A teoria mais acentuadamente objetivista tem de integrar não só a representação que os agentes têm do mundo social, mas também, de modo mais preciso, a contribuição que eles dão para a construção dessa visão de mundo, por meio do trabalho de representação (em todos os sentidos do termo) que continuamente realizam para imporem sua visão do mundo ou a visão da sua própria posição nesse mundo, a visão de sua identidade social (BOURDIEU, 1989, p.139).

Embora Bourdieu afirme: “Falar de um espaço social é dizer que se não pode juntar uma pessoa qualquer com outra pessoa qualquer, descurando as diferenças fundamentais, sobretudo, econômicas e culturais” (BOURDIEU, 1989, p. 138), uma das formas de romper os estigmas e derrubar o poder simbólico das classes dominantes, é invadir seu espaço social,. O esporte tem como uma de suas principais características romper barreiras, construir pontes e transgredir espaços, pois numa partida esportiva todos são iguais. “A procura do esporte pelos membros das classes populares, como um meio de elevação social, especialmente por aqueles que são residentes em comunidades violentas, pode representar uma forma de autorrealização e de superação da condição de não ter direitos de cidadania plena” (VIANNA; LOVISOLO, 2011, p. 294). Especialmente sendo utilizada a dimensão social do esporte educacional que tem como premissa a formação para a cidadania com a inclusão e a democratização da prática esportiva (TUBINO, 2011).

Dos 7 alunos egressos com *Resiliência Alta*, apenas 2 não cursam o Ensino Superior. Desses 7, somente 2 não são independentes financeiramente ou responsáveis pelo sustento de sua família. Demonstrando que mesmo cursando uma faculdade, precisam trabalhar para arcar com as despesas da casa, fortalecendo a importância de não desistir, apesar das dificuldades, traçarem outras rotas, de serem resilientes.

Ainda que se tenha uma Política Pública empobrecida e excludente, diferente de seus pais, a grande maioria tem acesso à escola pública, atividades artísticas e culturais, pessoas engajadas que os façam sair da zona de conforto e acreditem em si mesmos, que são capazes de mudar o jogo, ou melhor, entrarem no jogo e fazer acontecer, especialmente através do esporte, mudando suas vidas e de suas comunidades. “Por isso, o sujeito resiliente precisa contar com seus recursos, mas também com um ambiente social favorável para conseguir manter íntegra a sua identidade, restabelecida no neodesenvolvimento” (NEVES et al., 2015, p. 100)

Dos 7 alunos egressos com *Resiliência Moderadamente Alta*, todos recebem acima de 2 salários-mínimos, onde 4 têm emprego fixo, 2 são autônomos e 1 é estagiário; todos são independentes financeiramente, apenas 2 não fazem faculdade. Apenas 1 tem menos de 4 anos de projeto, os outros vão de 4 a 10 anos de participação. A junção de uma boa formação educacional, um emprego profissional e um apoio em toda essa formação colabora para um maior desenvolvimento da resiliência.

Os moradores de favelas são formados, ou deformados, a não confiarem em suas capacidades e potencialidades, a serem meros expectadores, servirem, limparem, enfim, a serem dominados, acomodados, como explicado por Bourdieu no conceito de habitus:

[...] a noção de habitus exprime sobretudo a recusa a toda uma série de alternativas nas quais a ciência social se encerrou, a da consciência (ou do sujeito) e do inconsciente, a do finalismo e do mecanicismo, etc. (...) tal noção permitia-me romper com o paradigma estruturalista sem cair na velha filosofia ou da consciência, a da economia clássica e do seu *homo economicus*, que regressa hoje com o nome de individualismo metodológico (Bourdieu, 2010, p. 61).

E embora o senso comum corrobore para acreditarem que não podem ir além dos muros de suas comunidades, pois vão fracassar se tentarem alçar voos mais altos, existem intervenções que contribuem para a diminuição dessas barreiras, através da oferta de oportunidades educacionais e esportivas. Projetos sociais esportivos têm-se consolidado na promoção de atividades físico-esportivas, mas também como uma forma na melhora da autoestima, ou seja, da imagem corporal, sendo uma oportunidade de desenvolvimento pessoal e profissional (MATTOS; SILVA, 2013; CÔRTEZ NETO, 2018).

Essas intervenções, muitas das vezes, não vêm do poder público e sim de iniciativas de cidadãos que acreditam que podem colaborar para uma sociedade mais justa e igualitária, especialmente usando a atividade física e o esporte como ferramenta. “No Brasil, há inúmeros projetos sociais frutos de parcerias globais e locais, que apostam no poder do esporte como

catalisador de desenvolvimento pessoal e social” (OSBORNE; BELMONT, 2018, p. 114).

A única aluna egressa com *Resiliência Baixa* não tem pais, mora sozinha e é separada. E a única aluna egressa com *Resiliência Muito Baixa* não terminou o Ensino Médio, não tem emprego fixo, não consegue custear seus gastos. Salientando a importância do apoio familiar e da formação educacional para uma maior resiliência.

Percebe-se que os alunos de favela são acometidos de um comodismo 'imposto', porém sem perceberem. Acabam sendo cúmplices de uma classe dominante que dita até onde eles podem ir, muitas vezes não permitindo, nem ao menos, sonhar. Ou ainda, incutem ideias que realizar sonhos são utopia e não permitido ao pobre, favelado, morador de comunidade. Fato esse explicado por Bourdieu ao definir *Poder Simbólico*: “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (1989, p.7).

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante [...]; para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções (BOURDIEU, 1989, p. 10).

Não ousam mudar a vocação herdada de seus pais, do trabalho de serviçal, não desmerecendo qualquer profissão, mas rompendo com a estrutura ao não aceitarem como 'destino' terem que seguir os passos de seus pais, “Entram na pele do personagem social que deles se espera e que eles esperam de si próprios (é a vocação)” (BOURDIEU, 1989, p. 87).

Foi realizada também, através de um grupo focal, uma entrevista com perguntas semiestruturadas. “Dá-se hoje maior importância à compreensão que à explicação, à abordagem qualitativa do social que à quantofrenia<sup>2</sup> das pesquisas sociológicas anteriores.” (COULON, 1995, p.7) O grupo focal foi realizado com doze alunos egressos, dos 20 que responderam a escala de resiliência, de diversas fases do Projeto SORriA. E por conta da epidemia que ainda restringe algumas atividades, e pelas vantagens de facilidade e comodidade, a reunião foi realizada remotamente, através de uma plataforma, onde foi possível a participação de alunos egressos que estão fora do estado e a gravação para futuras consultas.

Ao utilizar os conceitos de Garfinkel (1984), para analisar através da etnometodologia

---

<sup>2</sup> Termo criado pelo sociólogo americano P. Sorokin (1889-1968), para designar ironicamente a excessiva tendência para introduzir a quantidade e a medição nas ciências do espírito (estatística, psicometria, sociometria, dentre outros). Para obter mais informações, consulte Porto Editora – *quantofrenia* no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2022-08-08 22:04:09]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/quantofrenia>.



a fala dos alunos, encontra-se:

- Ações práticas: Ao observarem e analisarem suas ações, os atores sociais, estão em constante atualização na forma como vivem em seus mundos, independente do senso comum (COULON, 1995). Os alunos egressos participavam do Projeto SORriA por uma perspectiva melhor de vida através da prática do Esporte Orientação, creditaram as oportunidades oferecidas pelo Projeto às mudanças de pensamentos em relação ao que poderiam fazer, indo na contramão do conceito de *habitus*. A maioria dos alunos salientou que por estarem envolvidos nas atividades do Projeto, tiveram diversas oportunidades, tanto cultural, social, como profissional, que transformaram suas vidas. H.: *“eu acho que, socialmente falando, o projeto eu acho que foi muito importante na vida de cada um aqui, deu oportunidades que com certeza não conseguiríamos. Eu digo em relação, por exemplo, de viajar, não ter nenhuma despesa em relação a isso, de ficar despreocupado. Então, assim deu oportunidade pra gente. Sem falar além do projeto Sorria tinha o projeto do INPAR, que oferecia o reforço escolar, alimentação. Então, que contribuiu com o esporte e dentro da sala de aula. Então, sem dúvidas, foi de grande valia para a gente.”*

- Indicialidade: As expressões indiciais constituem palavras do cotidiano dos atores sociais, onde possuem significados distintos para um grupo específico. (COULON, 1995) Ao conversarem no grupo focal, ficou nítido que mesmo sem uma convivência cotidiana, os alunos egressos continuam a usar expressões indiciais usadas no esporte Orientação, difundido pelo Projeto SORriA, ao exemplificarem que nas suas vidas atuais a tomada de decisão, a busca pelos seus objetivos, sem perder a rota, entre outras. Te.: *“Eu falo que eu levo a orientação até hoje comigo para todos os lugares que eu passo, para todas as minhas decisões. O mapa de orientação é como mapa da nossa vida. A gente não sabe o que vai enfrentar. A gente nunca viu a área, a gente não sabe o que vai viver amanhã. Mas assim, quando a gente sai da partida para o ponto um, ok a gente sempre consegue ali se orientar. A gente vai, se perde, mas a gente sempre tem uma decisão na nossa vida, uma decisão de voltar atrás ou ficar parado, uma decisão de seguir em frente por mais perdido que você esteja. Mas você sempre deve seguir em frente, porque sempre vai ter uma chegada em algum lugar. Então, isso tem muito mais, mais esse olhar eu levo pra tudo na minha vida. É uma corrida de orientação, é muito mais do que um esporte, sabe? Para mim, é o desenvolvimento pessoal e o comportamento humano também.”*

- Reflexividade: Os atores sociais constroem sua realidade ao mesmo tempo que descrevem suas práticas no decorrer do seu dia a dia (COULON, 1995). Os alunos conseguiram observar e descrevem que ao participarem de competições esportivas na época do Projeto, receberam influência positiva que os fizeram agir atualmente tanto em suas interações sociais como profissionais. R.: *“No meu caso, também é parecido, porque com o meu projeto e o esporte, a gente lá a gente tinha essa vivência no meio militar, me influenciou também. Aí foi quando eu me tornei atleta de alto rendimento da Marinha e todo esse processo que eu percorri. Foi o que me levou hoje a fazer o que eu estou fazendo agora, porque eu estou estudando. Então, tudo é consequência do que eu, do que o projeto lá atrás influenciou a gente, né?”*

- Relatabilidade/Accountability: “Tornar o mundo visível significa tornar a minha ação compreensível, descrevendo-a, pois eu mostro o seu sentido pela revelação a outrem dos processos pelos quais eu a relato.” (COULON, 1995, p. 46) Alguns alunos relataram a importância do Projeto SORriA para a mudança de suas vidas e argumentaram que devem retribuir à sociedade as oportunidades que receberam do Projeto, promovendo uma corrente do bem, ajudando outras crianças a terem novas vivências. Ta.: *“Eu acredito que o choque cultural, social e econômico que a corrida de orientação nos proporcionou foi “bom” assim para a nossas vidas, para a gente entender que existe algo além das nossas paredes, da nossa casa e da nossa comunidade. Tem sempre um algo a mais. E quando a gente também agarra a oportunidade, porque a oportunidade está para todos. Muitas crianças tiveram a mesma oportunidade que a gente, nas cada um agarrou de forma diferente. Cada um está colhendo os frutos. Então, acredito que o choque principal ali cultural e econômico, que a corrida de orientação, que o esporte nos proporcionou foi uma chave de virada para a nossa vida. É isso que eu quero pra minha vida. Eu quero ser assim. Eu quero estar igual tal pessoa. Eu quero ter a mesma profissão de tal pessoa. E aquilo ali vem desencadeando e libertando a gente de outra chavinha de outras prisões que a gente vem trazendo ao longo da nossa vida. Então a oportunidade está para todos. Mas a forma como cada um agarra sua, como cada um planta a sua semente, é o que diz que a gente está colhendo agora”*

- Noção de membro: É entender que alguém ao incorporar etnométodos de um determinado grupo social, é considerado como parte dele, permitindo-o fazer-se reconhecer e aceitar. Induzindo a condição de ser e não apenas estar (COULON, 1995). Já no início da reunião a fala dos alunos ressaltou o sentimento de pertencimento ao grupo, mesmo tendo passado tantos anos, conversaram e agiram como se estivessem indo para uma viagem anos atrás.

Destacaram a importância que a convivência e a influência dos tempos de Projeto os tornaram pessoas que lutam por seus ideais. E.: *“Acho que também, para mim, o que ficou mais evidente foram as questões das oportunidades que tivemos. Sem o projeto talvez a gente não tivesse acesso a tantas pessoas, tantas oportunidades que a gente teve, acho que o contato pessoal também, de estar em contato com pessoas diferentes, diferentes do nosso convívio normal em casa. Isso ajudou muito o nosso crescimento. Houve um impacto muito grande.”*

Considerando que a etnometodologia privilegia o ator social, onde há mais importância em compreender os fatos que os cercam, do que explicá-los, valorizando o ator como autor social, suas descrições e interpretações são o objeto essencial da pesquisa, não sendo uma representação imposta pela sociedade. (SILVA; VOTRE, 1992). Assim, analisando as falas dos alunos egressos, percebe-se que os etnométodos identificados neste grupo focal são bem delineados.

Etnométodos são métodos construídos por indivíduos e grupos que os utilizam para descrever, interpretar e construir o mundo social, no cotidiano de suas atividades. Etnometodologia significa o estudo dos etnométodos. Etno sugere que um membro dispõe do saber de senso comum de sua sociedade. Etnométodos então compreendem uma lógica do senso comum (SILVA; DEVIDE, 2009, p. 181).

Quando indagados se o Projeto SOrriA, contribuiu em alguma área de sua vida, seja ela pessoal, profissional, cultural, social; os elementos centrais mais identificados nas falas foram: que o projeto ajudou muito, na formação pessoal, em oportunizar novas experiências e que muito impactou em suas vidas. Já os elementos periféricos identificados foram: a formação de cidadão, conhecer novos lugares, abrir novas perspectivas de vida, dando um norte a seguir, se abrindo para o mundo.

Ao serem perguntados se o projeto gerou alguma oportunidade, alguma coisa bem certa. Se tiveram alguma oportunidade assim muito clara por conta do projeto; os pontos em comum centrais foram: incentivo ao estudo, oportunidade de conhecer outras pessoas, troca de experiências, influência na escolha profissional e se esforçar mais. Já as ideias periféricas seriam: mais disciplina, aumento de conhecimento cultural, desenvolvimento da autoestima, saber lidar com a competitividade e melhor relacionamento interpessoal.

Em relação à resiliência, foram questionados se são pessoas resilientes, ou seja, capaz de retomar o caminho mesmo com os obstáculos e as quedas que ocorreram; relacionaram o esporte Orientação como sinônimo de resiliência, que a prática desse esporte os ajudou a superar obstáculos, a recomeçar e não desistir.

Correlacionando a resiliência ao Projeto SOrriA, foi salientado se alguém teria algum

fato para descrever se o Projeto influenciou em relação a resiliência; os principais pontos percebidos mostraram que o Projeto foi um suporte para desenvolverem a resiliência, que os ajudou no crescimento pessoal e profissional, auxiliando na conquista de seus objetivos.

Quando perguntados se alguma pessoa do Projeto SORriA, influenciou alguma decisão importante no seu futuro; ressaltaram que quiseram seguir o exemplo de vida, influenciando na continuidade dos estudos, auxiliando na conquista dos sonhos.

Para concluir, foram estimulados a dizerem algo que não lhe foi perguntado, e o que poderiam acrescentar sobre o projeto Sorria e resiliência; o ponto principal foi a gratidão, pelo aprendizado, pela oportunidade, pois o projeto foi um divisor de águas que impactou positivamente suas vidas, ajudando-os na superação dos obstáculos da vida, promovendo a resiliência.

#### **4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir desta pesquisa, analisando os resultados, houve a possibilidade de verificação que os alunos egressos participantes do Projeto SORriA, relacionam o impacto que o projeto promoveu em suas vidas como oportunidade de serem seres mais resilientes. Além disso, os dados quantitativos mostram um grande percentual de egressos em categorias mais elevadas de resiliência.

Um fator não esperado inicialmente, mas que ficou muito nítido no grupo focal, foi a relação que fizeram do esporte Orientação sendo um esporte que desenvolve a resiliência, por suas características de superação dos obstáculos, ir além das dificuldades, lutar contra seus próprios limites, vencer suas fraquezas, para terminar a corrida. Como a aluna R. definiu bem: *“Fora que assim o diferencial na orientação é que a gente o tempo todo aprendeu o que a gente não precisava ganhar. O importante não era você ganhar, era conseguir fazer uma boa rota, conseguir encontrar os pontos, enfim terminar o mapa, ser resiliente. Isso influenciou diretamente a nossa vida e influencia ainda hoje, a capacidade de não parar, pensar, refletir como eu vou, onde eu vou, como eu vou fazer. Não deu certo. Volta pra onde você estava e começa de novo. Eu acho que isso é o diferencial que a Orientação fez na nossa vida, nos ajudou a seguir apesar das dificuldades.”* Fato observado nos principais etnométodos apresentados na pesquisa qualitativa, quando relacionaram o mapa de Orientação com o mapa da vida, onde não podem desistir facilmente, demonstrando que os PSE possuem um potencial de desenvolvimento da resiliência, quando fomenta a formação integral do aluno através das atividades esportivas.

Diversos autores defendem a importância da prática da atividade física como meio socializador e auxiliador na formação de cidadãos plenos e capazes de atuarem numa transformação social, contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária. Enfatizando que o esporte associado a um bem-estar psicológico, contribui para uma melhor formação de sua imagem corporal, melhorando a autoestima, facilitando a superação das dificuldades, oportunizando um melhor desenvolvimento da resiliência.

Conclui-se que os PSE podem sim impactar positivamente seus alunos, de forma que a prática esportiva colabore na formação de sujeitos resilientes, já que corrobora para que seus alunos tenham um suporte para superar as adversidades do esporte, mas também ajuda a desenvolver recursos para enfrentar os obstáculos da vida.

E, finalizando, essa pesquisa não se encerra nesse documento. Pretende-se que esse seja o primeiro passo para servir de subsídio para que outros PSE possam refletir na promoção da resiliência através do esporte, auxiliando na formação de seres humanos comprometidos com uma mudança social, estimulando novas pesquisas com a temática dos PSE e a resiliência.

## REFERÊNCIAS

ALVES–MAZZOTTI, Alda Judith.; GEWANDSZNAJDER, Fernando. O planejamento de pesquisas qualitativas. In: ALVES–MAZZOTTI, Alda J.; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

BERTOLINI, Sônia Maria Marques Gomes; et al (Org) **Pesquisa Científica: Do Planejamento à Divulgação**. Jundiaí: Paco Editorial: 2016.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1995a.

CORTÊS NETO, Ewerton Dantas. **Resiliência em adolescentes participantes de projetos sociais esportivos**. 2018. 60f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

CRESWELL, JONH Ward; CLARK, VICKI Lynn. **PLANO. Pesquisas de métodos mistos**. Tradução: Magda França. Porto Alegre: Penso, 2013.

FIOCRUZ. **Diagnóstico Cidade de Deus**. Disponível em: [https://www.fiocruz.br/wpcontent/uploads/2017/09/RodaConversa\\_DiagnosticoCDD\\_Jacob.pdf](https://www.fiocruz.br/wpcontent/uploads/2017/09/RodaConversa_DiagnosticoCDD_Jacob.pdf). Acesso em: 22 abr. 2022.

GALVÃO, Pedro Georges. O Programa Forças no Esporte como fator de inclusão social e

desenvolvimento esportivo no Brasil. **E-legis**, Brasília, Número Especial – Pesquisas e Políticas sobre Esporte, p. 116-148, nov. 2019.

GARFINKEL, Harold. **Studies in Ethnomethodology**. Cambridge: Polity Press, 1984.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKELL, George; BAUER, Martin W. (Orgs) **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução: Pedrinho de A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4º ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

GUIMARÃES, Paulo Ricardo Bittencourt. **Métodos Quantitativos Estatísticos**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

HECKTHEUER, Luiz Felipe Alcântara; SILVA, Méri Rosane Santos. Projetos Sociais Esportivos: Vulnerabilização e Governo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 03, p. 115-132, jul./set. 2011.

INPAR. **Instituto Presbiteriano Álvaro Reis**. Disponível em: <https://inpar.org.br/inpar/>. Acesso em 15 abr. 2022.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas 2003.

MATTOS, Daniel Corrêa; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo. O Esporte da Vela em Jurujuba: um Estudo de caso. In: COSTA, Claudia Freitas Lopes. e SILVA, Carlos Alberto Figueiredo. (Orgs) **FavelaSport: Estudo sobre o fenômeno esportivo em comunidades do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UNISUAM, 2013. p. 146 – 167.

MINAYO, Maria Cecília Souza. (Org); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade**. Série Manuais Acadêmicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 21.ed., 2002.

MONTEIRO, Luciana Bernardes Vieira de Rezende Hersen.; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo; OSBORNE, Renata.; ARAÚJO, Carla Isabel Paula da Rocha. Projetos sociais esportivos e resiliência: um estudo de revisão. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, [S. l.]**, v. 11, n. 9, pág. e40211932113, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i9.32113. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/32113>. Acesso em: 16 jul. 2022.

NEIRA, Marcos Garcia. **O currículo da Educação Física e a construção de identidades: um estudo das representações dos sujeitos acerca das manifestações corporais e dos seus praticantes**. Relatório de Pesquisa, 2014.

NEVES, Ângela Nogueira; HIRATA, Karina Mayumi; TAVARES, Maria da Consolação Gomes Cunha Fernandes. Imagem Corporal, trauma e resiliência: reflexões sobre o papel do professor de Educação Física. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 19, n 01, p. 97-114, jan./abr. 2015.

OSBORNE, Renata; BELMONT, Rachel. Contribuições do Esporte e da Educação Física para um mundo melhor. In: BENTO, Jorge Olímpio. et al (Orgs). **Cuidar da Casa Comum:**

Da natureza, da vida, da humanidade. Oportunidades e responsabilidades do Desporto e da Educação Física. Belo Horizonte: Casa da Educação Física: 2018.Vol.: 2 p.111 – 120.

PASINI, Carlos Giovanni Delavati. **Corrida de orientação: esporte e ferramenta pedagógica para a educação.** 2.ed. Três corações: Gráfica Excelsior, 2004.

PESCE, Renata Pires, et al. **Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência.** Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro. 2005; 21(2): 436-448.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo; VOTRE, Sebastião Josué. (Orgs.) **Etnometodologias.** Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2012.

SANCHES, Simone Meyer. A prática esportiva como uma atividade potencialmente promotora de resiliência. *Rev. bras. psicol. esporte [online]*. 2007, vol.1, n.1, pp. 01-15. ISSN 1981-9145.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo.; DEVIDE, Fabiano Pries. Linguagem discriminatória e etnométodos de exclusão nas aulas de educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 30, n. 2, p.181 - 197, 2009.

TAQUETTE, Stella Regina.; BORGES, Luciana. **Pesquisa qualitativa para todos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K.; SILVERMMAN, Stephen J. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física.** Tradução: Ricardo Demétrio de Souza Petersen. Porto Alegre: Artmed, 2012.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões Sociais do Esporte.** São Paulo: Cortez, 2011.

VIANNA, José Antônio; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. **A inclusão social através do esporte: a percepção dos educadores.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, 2011, Abr-Jun; 25(3): 285-96.

VIEIRA, Sônia. **Como elaborar questionários.** São Paulo: Atlas, 2009.

WAGNILD, Gail, YOUNG; Healthier. **Development and psychometric evaluation of resilience scale.** *Journal of Nursing Measurement*. 1993; 1(2),165-178.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Trad. Daniel Grassi. Porto Alegre: Bookman, 2001.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim.** Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2016.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A resiliência é uma ferramenta ainda pouco estudada e menos ainda cultivada, porém sendo bem implementada e desenvolvida em crianças, adolescentes e jovens pode gerar excelentes frutos, em especial aos que constantemente se encontram em situações estressantes, de vulnerabilidade social, onde a falta de políticas públicas aumenta ainda mais os traumas. Por isso, o trabalho dos PSE é importante, pois pode contribuir para a ressignificação dos traumas, colaborando na reconstrução da imagem corporal através da atividade física, e desenvolvendo a resiliência dos alunos. Assim, foi essencial pesquisar e analisar o Projeto SOrriA e o desenvolvimento da resiliência de seus alunos, para fomentação de futuros estudos que quantifiquem e discutam a resiliência em diversos PSE, para contribuir na promoção de PSE que estimulem a desenvolverem a resiliência.

O Projeto SOrriA, por ser um PSE sério, com mais de 20 anos de atuação em atividade física e esportiva para crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, ao garantir um ambiente seguro e propício para o sujeito resiliente continuar sua trajetória, colabora na formação de cidadãos de caráter que atuem na construção e reconstrução de sua história de vida, através da superação dos traumas e da ressignificação de sua imagem corporal, tornando-se sujeitos resilientes capazes de contribuírem na transformação social, como cidadãos multiplicadores do bem.

É importante salientar o quanto o esporte é um aliado na luta por uma sociedade mais justa e igualitária, ao se verificar que a participação em PSE, pode tornar os adolescentes mais resilientes, ou seja, cidadãos mais confiantes e autônomos, que terão a possibilidade de desenvolver recursos que os ajudarão a lidar não apenas com adversidades de suas condições socioeconômicas, mas todas as circunstâncias de suas vidas. Especialmente, nesse caso, o esporte Orientação, que pela visão dos alunos egressos, se constituiu como etnomodelo, pois com o auxílio desse esporte levaram para a vida os aprendizados que os tornaram seres humanos mais resilientes. A partir desta pesquisa, houve a possibilidade da verificação que os alunos egressos participantes do Projeto SOrriA, relacionam o impacto que o projeto promoveu em suas vidas como oportunidade de serem mais resilientes.

Conclui-se que o PSE investigado influenciou positivamente seus alunos, enfatizando que o esporte colabora na formação de sujeitos resilientes, já que contribui na superação das adversidades propiciadas pela prática esportiva, mas também ajuda a desenvolver recursos



para enfrentar os obstáculos da vida.

Para finalizar, não se pode cruzar os braços e apenas assistir as mazelas da sociedade, e esperar a atuação de políticas públicas, é cada vez mais importante a ação de todos que visem o bem comum. Assim, de acordo com os dados apresentados nesse relato, o PSE não só contribui para uma sociedade mais justa, como impulsiona a reflexão e ação, especialmente aos professores de Educação Física que se comprometem com seus trabalhos e colaboram para o desenvolvimento humano e a redução das vulnerabilidades sociais. Pretende-se que esse seja o primeiro passo para servir de subsídio para que outros PSE possam refletir na promoção da resiliência através do esporte, auxiliando na formação de seres humanos comprometidos com uma mudança social, estimulando novas pesquisas com a temática dos PSE e a resiliência.

## REFERÊNCIAS

- ALVES–MAZZOTTI, Alda Judith.; GEWANDSZNAJDER, Fernando. O planejamento de pesquisas qualitativas. In: ALVES–MAZZOTTI, Alda J.; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- ASSIS, Simone. Gonçalves, PESCE, Renata Pires.; AVANCI, Joviana Quintes. **Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- AUGUSTO, Ana Paula Araújo. **Trilhas no Parque Nacional da Tijuca: a atividade física, seus impactos e o papel do profissional de Educação Física**. 2020. 167f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Atividade Física) - Programa de Pós-graduação em Ciências da Atividade Física, Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO, Niterói, 2020.
- AZEVEDO, Ângela Celeste Barreto. Esporte, ensino e Educação Física. In: MALINA, André.; CESARIO, Sebastiana. (Orgs) Esporte: **Fator de Integração e Inclusão Social?** Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2009.
- BARBOSA, Marco. **Conceitos Básicos da Resiliência**. São Paulo: SOBRARE, 2019.
- BERTOLINI, Sônia Maria Marques Gomes; et al (Org) **Pesquisa Científica: Do Planejamento à Divulgação**. Jundiaí: Paco Editorial: 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRANDÃO, Juliana Mendanha; MAHFOUD, Miguel; GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid Faria. A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. **Paidéia**, Ribeirão Preto; v. 21, n. 49, p. 263-271, maio/agosto. 2011.
- CAMPANA, Ângela Nogueira Neves Betanho; TAVARES, Maria da Consolação Gomes Cunha Fernandes. **Avaliação da Imagem Corporal: Instrumentos e diretrizes para pesquisa**. São Paulo: Phorte, 2009.
- CASTRO, Suélen Barbosa Eiras; SOUZA, Doralice Lange. Significados de um projeto social esportivo: um estudo a partir das perspectivas de profissionais, pais, crianças e adolescentes. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 04, p. 145-163, out./dez. 2011.
- CONCEIÇÃO, Carlos Sérgio Rabelo; Palhares, Leandro Ribeiro. Refletindo sobre Projetos Esportivos Sociais e a Capoeira. **Licere**, Belo Horizonte, v.17, n.4, p. 237-256, dez. 2014.
- CORREIA, Marcos Miranda. Projetos Sociais em Educação Física, Esporte e Lazer: Reflexões e considerações para uma gestão socialmente comprometida. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 114-127, jan./jun. 2008.
- CORTÊS NETO, Ewerton Dantas. **Resiliência em adolescentes participantes de projetos sociais esportivos**. 2018. 60f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.
- COULON, Alain. **Etnometodologia**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1995a.

CORTÊS NETO, Ewerton Dantas. **Resiliência em adolescentes participantes de projetos sociais esportivos**. 2018. 60f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

CRESWELL, JONH Ward; CLARK, VICKI Lynn. PLANO. **Pesquisas de métodos mistos**. Tradução: Magda França. Porto Alegre: Penso, 2013.

CYRULNIK, Bóris. **Os Patinhos feios**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FIOCRUZ. **Diagnóstico Cidade de Deus**. Disponível em: [https://www.fiocruz.br/wpcontent/uploads/2017/09/RodaConversa\\_DiagnosticoCDD\\_Jacob.pdf](https://www.fiocruz.br/wpcontent/uploads/2017/09/RodaConversa_DiagnosticoCDD_Jacob.pdf). Acesso em: 22 abr. 2022.

GALVÃO, Pedro Georges. O Programa Forças no Esporte como fator de inclusão social e desenvolvimento esportivo no Brasil. **E-legis**, Brasília, Número Especial – Pesquisas e Políticas sobre Esporte, p. 116-148, nov. 2019.

GARFINKEL, Harold. **Studies in Ethnomethodology**. Cambridge: Polity Press, 1984.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKELL, George; BAUER, Martin W. (Orgs) **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução: Pedrinho de A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GODOY, Kleber Aparecido Brígido; et al. Avaliação da resiliência em escolares do ensino médio. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, São Francisco, v. 18, n. 1-2, p. 79-90, jan./dez. 2010.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4º ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

GROTBERG, Edith Henderson. Introdução: novas tendências em resiliência. In: Melillo, Aldo; Ojeda, Elbio Néstor Suárez. (Orgs) **Resiliência: descobrindo as fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GUIMARÃES, Paulo Ricardo Bittencourt. **Métodos Quantitativos Estatísticos**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

GUIMARÃES, Carlos Guelton Martins; SILVA, Siomara Aparecida; ZAMPIER, Jenipher Emanuelle Lima Campos. Visão dos pais sobre a participação de seus filhos em um programa esportivo social. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 17, n. 2, p. 133-141, jul./dez. 2019.

HECKTHEUER, Luiz Felipe Alcântara; SILVA, Méri Rosane Santos. Projetos Sociais Esportivos: Vulnerabilização e Governo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 03, p. 115-132, jul./set. 2011.

HOHENDORFF, Jean Von. Como escrever um artigo de revisão de literatura. In: KOLLER, Silvia Helena; COUTO, Maria Clara Pinheiro Paula; HOHENDORFF, Jean Von. (Orgs). Manual da produção científica. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 39-54.

INFANTE, Francisca. A resiliência como processo: Uma revisão de literatura recente. In: MELILLO, Aldo; OJEDA, Elbio Néstor Suárez. (Orgs). **Resiliência: descobrindo as próprias**

fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 23-38.

INPAR. **Instituto Presbiteriano Álvaro Reis**. Disponível em: <https://inpar.org.br/inpar/>. Acesso em 15 abr. 2022.

INTERNATIONAL SAFEGUARDING CHILDREN IN SPORT WORKING GROUP. Salva-guarda Internacional para Crianças no Esporte. 2015. Disponível em: [https://www.sportanddev.org/sites/default/files/downloads/safeguards\\_may\\_2015\\_portuguese.pdf](https://www.sportanddev.org/sites/default/files/downloads/safeguards_may_2015_portuguese.pdf). Acesso em: 6 jun. 2022.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas 2003.

MATTOS, Daniel Corrêa; DA SILVA, Carlos Alberto Figueiredo; LOPES, José Pedro Sarmiento Rebocho. CAPINUSSÚ, José Maurício. O esporte náutico e a dinâmica da hélice tríplice no projeto Grael: um estudo de caso. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), v. 16, n. 3, p. 219-237, 2010.

MATTOS, Daniel Corrêa; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo. O Esporte da Vela em Jurujuba: um Estudo de caso. In: COSTA, Claudia Freitas Lopes. e SILVA, Carlos Alberto Figueiredo. (Orgs) **FavelaSport**: Estudo sobre o fenômeno esportivo em comunidades do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UNISUAM, 2013. p. 146 – 167.

MELILLO, Aldo. Resiliência e educação. In: MELILLO, Aldo; OJEDA, Elbio Néstor Suárez. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 87-102.

MELILLO, Aldo.; ESTAMATTI, Mirta; CUESTAS, Alicia. Alguns fundamentos psicológicos do conceito de resiliência. In: MELILLO, Aldo; OJEDA, Elbio Néstor Suárez. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 59-72.

MELO, Marcelo Paula. Lazer, Esporte e Cidadania: debatendo a nova moda do momento. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 105-122, maio/agosto de 2004.

MINAYO, Maria Cecília Souza. (Org); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade**. Série Manuais Acadêmicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 21.ed., 2002.

MONTEIRO, Luciana Bernardes Vieira de Rezende Hersen.; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo; OSBORNE, Renata.; ARAÚJO, Carla Isabel Paula da Rocha. Projetos sociais esportivos e resiliência: um estudo de revisão. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 11, n. 9, pág. e40211932113, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i9.32113. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/32113>. Acesso em: 16 jul. 2022.

MURAD, Maurício. **Sociologia e Educação Física. Diálogos, Linguagens do Corpo, Esportes**. Rio de Janeiro: FGV, 2020.

NEIRA, Marcos Garcia. Programas de educação pelo esporte: qual formação está em jogo? **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, SP, v. 10, n. 14, jan./jun. 2009.

NEIRA, Marcos Garcia. **O currículo da Educação Física e a construção de identidades: um estudo das representações dos sujeitos acerca das manifestações corporais e dos seus**

praticantes. Relatório de Pesquisa, 2014.

NEVES, Ângela Nogueira; HIRATA, Karina Mayumi; TAVARES, Maria da Consolação Gomes Cunha Fernandes. Imagem Corporal, trauma e resiliência: reflexões sobre o papel do professor de Educação Física. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 19, n 01, p. 97-114, jan./abr. 2015.

OSBORNE, Renata; BELMONT, Rachel. Contribuições do Esporte e da Educação Física para um mundo melhor. In: BENTO, Jorge Olímpio. et al (Orgs). **Cuidar da Casa Comum: Da natureza, da vida, da humanidade. Oportunidades e responsabilidades do Desporto e da Educação Física**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física: 2018. Vol.: 2 p.111 – 120.

OLIVEIRA, Marileide Antunes; et al. Resiliência: Análise das Publicações no Período de 2000 a 2006. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, v. 28, n. 4, p. 754-767, 2008.

PASINI, Carlos Giovanni Delavati. **Corrida de orientação: esporte e ferramenta pedagógica para a educação**. 2.ed. Três corações: Gráfica Excelsior, 2004.

PESCE, Renata Pires, et al. **Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro. 2005; 21(2): 436-448.

ROZEMBERG, Laila Bom. **Resiliência na adolescência: Uma reflexão sobre o potencial de superação de problemas em meninos e meninas**. 2013. 107f. Dissertação (Mestre em Ciências na área de Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013.

SANCHES, Simone Meyer. A prática esportiva como uma atividade potencialmente promotora de resiliência. **Rev. bras. psicol. esporte [online]**. 2007, vol.1, n.1, pp. 01-15. ISSN 1981-9145.

SABBAG, Paulo Yazigi. **Resiliência: Competência para enfrentar situações extraordinárias na sua vida profissional**. São Paulo: Elsevier, 2012.

SANTOS, Leonardo Carmo; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo. Consequências da violência armada carioca para as aulas de Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 26, p. 01-14, 2020.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo.; DEVIDE, Fabiano Pries. Linguagem discriminatória e etnométodos de exclusão nas aulas de educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 30, n. 2, p.181 - 197, 2009.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo; VOTRE, Sebastião Josué. (Orgs.) **Etnometodologias**. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2012.

SILVA, Leonardo Toledo. Esporte e Lazer no programa Minas Olímpica geração esporte – FHA: Espaços e Apropriações. **Licere**, Belo Horizonte, v. 16, n. 03, set. 2013.

SILVA, Orestes Manoel; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo. Boxe e rede solidária no morro do Vidigal. In: COSTA, Claudia Freitas Lopes. e SILVA, Carlos Alberto Figueiredo. (Orgs) **FavelaSport: Estudo sobre o fenômeno esportivo em comunidades do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UNISUAM, 2013. p. 32 – 67.

SILVA, Orestes Manoel; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo. Desenho da rede de um projeto esportivo social: atores, representações e significados. **Revista brasileira de educação física e esporte**, São Paulo, v. 28, p. 415-428, 2014.

SILVA, Maria Lúcia F. **Resiliência integral e juventudes periféricas: análise da experiência formativa no campo educacional**. 2019. 169f. Dissertação (Mestre em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

SILVEIRA, Juliano. Considerações sobre o esporte e o lazer: entre direitos sociais e projetos sociais. **Licere**, Belo Horizonte, v.16, n.1, mar. 2013.

STEIGLEDER, Manuella Lopardi; et al. Alianças intersetoriais e projetos esportivos sociais no Brasil: um estudo de caso. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 03, p. 109 - 122, set./dez. 2018.

STEIGLEDER, Manuella Lopardi; SANTOS, Roberto Ferreira; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo. Sport as a vehicle for socio-educational transformation: a study of the Fernanda Keller Project. *Motriz: Revista de Educação Física*, Rio Claro, v. 26, 2020.

TAQUETTE, Stella Regina.; BORGES, Luciana. **Pesquisa qualitativa para todos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

TAVARES, Maria da Consolação Gomes Cunha Fernandes. **Imagem Corporal: Conceito e Desenvolvimento**. Barueri: Manole, 2003.

TEIXEIRA, Emarianne Campanha. **Resiliência e Vulnerabilidade Social: Uma perspectiva para a educação sociocomunitária da adolescência**. Petrópolis: Vozes, 2016.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K.; SILVERMMAN, Stephen J. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. Tradução: Ricardo Demétrio de Souza Petersen. Porto Alegre: Artmed, 2012.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões Sociais do Esporte**. São Paulo: Cortez, 2011.

VIANNA, José Antônio; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. **A inclusão social através do esporte: a percepção dos educadores**. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, 2011, Abr-Jun; 25(3): 285-96

VIEIRA, Sônia. **Como elaborar questionários**. São Paulo: Atlas, 2009.

WAGNILD, Gail, YOUNG; Healthier. **Development and psychometric evaluation of resilience scale**. *Journal of Nursing Measurement*. 1993; 1(2),165-178.

WERNER, Emmy. Resilience and recovery: findings from yhe Kauai longitudinal study. **Focal Point Research**, Policy, and Practice in Children's Mental Health Summer 2005, Vol. 19 No. 1, pages 11-14.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Trad. Daniel Grassi. Porto Alegre: Bookman, 2001.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2016.

## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a), você está sendo convidado a participar de uma pesquisa. Sua colaboração é importante e necessária para o desenvolvimento da pesquisa, porém sua participação é voluntária.

Declaração de Idade: Eu declaro que tenho mais que 18 anos e que participarei por livre vontade.

Título da Pesquisa: **Projetos Esportivos Sociais e a Resiliência: caso do Projeto SORriA**, conduzido pela pesquisadora **Luciana Bernardes Vieira de Rezende Hersen Monteiro, desenvolvida através do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física (mestrado) da Universidade Salgado de Oliveira - Universo.**

Objetivo: **Identificar qual a contribuição do Projeto SORriA na formação de cidadãos resilientes em alunos egressos.**

Procedimentos: **A pesquisa mista, abordagem quantitativa – escala de resiliência e abordagem qualitativa – entrevista com grupo focal.**

Riscos e benefícios: A presente pesquisa não oferece grandes riscos aos participantes, no máximo um desconforto ao responder os instrumentos, porém contribuirá para beneficiar um momento de reflexão de suas experiências de vida, além de fomentar a pesquisa.

Você poderá solicitar informações ou esclarecimentos sobre o andamento da pesquisa em qualquer momento.

Sua participação não é obrigatória, podendo retirar-se do estudo ou não permitir a utilização dos dados em qualquer momento da pesquisa;

Sendo um participante voluntário, você não terá nenhum pagamento e/ou despesa referente à sua participação no estudo;

Os materiais utilizados para coleta de dados serão armazenados por 5 (cinco) anos, após descartados, conforme preconizado pela Resolução CNS nº. 466 de 12 de dezembro de 2012.

Eu, \_\_\_\_\_, concordo em participar deste estudo como voluntária/o da pesquisa, afirmo que fui devidamente informada/o e esclarecida/o sobre a finalidade e objetivos desta pesquisa, bem como sobre a utilização das informações exclusivamente para fins científicos. Meu nome não será divulgado de forma nenhuma e terei a opção de retirar meu consentimento a qualquer momento.

Niterói, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

\_\_\_\_\_  
Sujeito da pesquisa

Pesquisador: **Luciana Bernardes Vieira de Rezende Hersen Monteiro** Cel: 21 996978066

Email: [luidig@gmail.com](mailto:luidig@gmail.com)

## APÊNDICE B – Questionário de Perfil Socioeconômico

1. Nome:
2. Idade:
3. Tempo de Projeto SORriA:
4. Etnia ( ) Amarelo ( ) Branco ( ) Negro ( ) Pardo ( ) Indígena ( ) Outro: \_\_
5. Sexo ( ) Feminino ( ) Masculino Outro: \_\_\_\_\_
6. Estado Civil ( ) Casado ( ) Separado ( ) Solteiro ( ) União Estável ( ) Viúvo
7. Formação Acadêmica ( ) Fundamental Incompleto ( ) Fundamental Completo ( ) Ensino Médio Incompleto ( ) Ensino Médio Completo ( ) Superior Incompleto – Curso: \_\_\_\_\_ ( ) Superior Completo – Curso: \_\_\_\_\_ ( ) Pós? Qual? \_\_\_\_\_
8. Onde e como você mora atualmente? [ ] Em casa ou apartamento, com sua família. [ ] Em casa ou apartamento, sozinho(a). [ ] Em quarto ou cômodo alugado, sozinho(a). [ ] Em casa de outros familiares [ ] Em casa de amigos [ ] Em habitação coletiva: hotel, hospedaria, quartel, pensionato, república, etc. [ ] Em casa/apto, mantidos pela família para moradia do estudante [ ] Outra situação, qual? \_\_\_\_\_
9. Quem mora com você? [ ] Moro sozinho(a) [ ] Pai [ ] Mãe [ ] Esposa / marido / companheiro(a) [ ] Filhos [ ] Irmãos [ ] Outros parentes [ ] Amigos ou colegas
10. Quantas pessoas moram em sua casa? (incluindo você) [ ] Duas pessoas. [ ] Três pessoas. [ ] Quatro pessoas. [ ] Cinco pessoas. [ ] Seis pessoas. [ ] Mais de 6 pessoas. [ ] Moro sozinho.
11. Qual é a sua participação na vida econômica de sua família? [ ] Você não trabalha e seus gastos são custeados. [ ] Você trabalha e é independente financeiramente. [ ] Você trabalha, mas não é independente financeiramente. [ ] Você trabalha e é responsável pelo sustento da família.
12. Você desenvolve alguma atividade remunerada? [ ] Sim. [ ] Não
13. Qual o vínculo? [ ] Estágio. [ ] Emprego fixo particular. [ ] Emprego autônomo. [ ] Emprego fixo federal/estadual/municipal. [ ] Licenciado/a sem vencimento [ ] Licenciado/a com vencimento. [ ] Outro.
14. Qual sua renda mensal individual? [ ] Nenhuma. [ ] Até 02 salários mínimos [ ] de 03 até 05 salários mínimos [ ] de 05 até 08 salários mínimos [ ] Superior a 08 salários mínimos [ ] Benefício social governamental , qual? \_\_\_\_\_ valor atual: \_\_\_\_\_
15. A situação conjugal de seus pais é: [ ] Vivem juntos. [ ] Separados.
16. Você tem filhos? [ ] Não. [ ] Sim. Quantos?



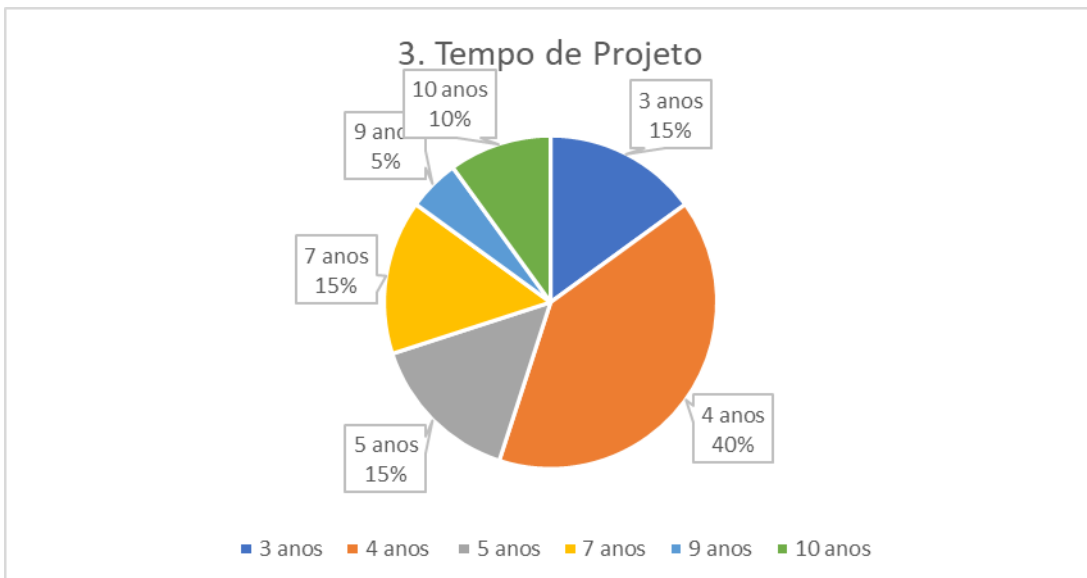
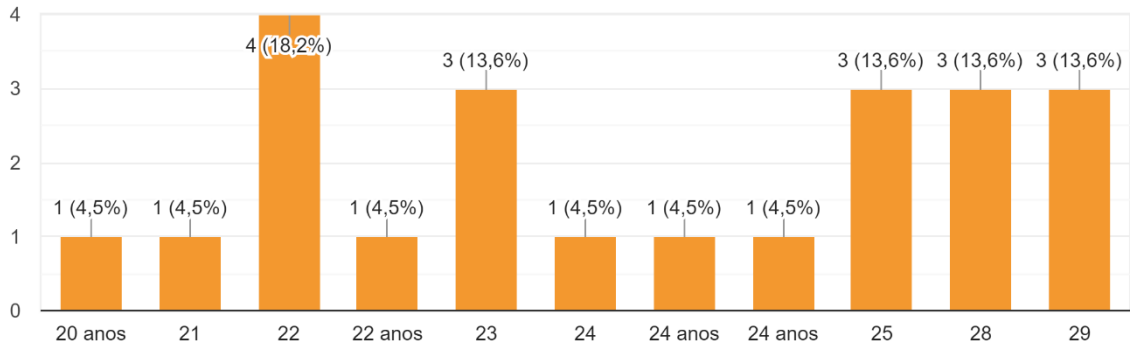
### **APÊNDICE C – Roteiro de entrevista semiestruturada para o Grupo Focal**

1. O projeto SOrrIA contribuiu em alguma área de sua vida, seja ela profissional, pessoal, cultural, social?
2. Por quê?
3. O projeto SOrrIA gerou alguma oportunidade para você?
4. Você se considera uma pessoa resiliente, ou seja, capaz de retomar o caminho mesmo com os obstáculos e as quedas que ocorram?
5. O projeto SOrrIA colaborou positivamente ou negativamente em relação à resiliência?
6. Você poderia descrever algo que ocorreu na sua vida, no qual houve influência direta do Projeto SOrrIA, relacionado à resiliência?
7. Alguém do Projeto SOrrIA o influenciou em alguma decisão importante para o seu futuro?
8. Foi uma influência positiva ou negativa?
9. Você poderia descrevê-la?
10. O que você gostaria de dizer que não lhe foi perguntado sobre o projeto Sorria e resiliência?

## APÊNDICE D – RESULTADO QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

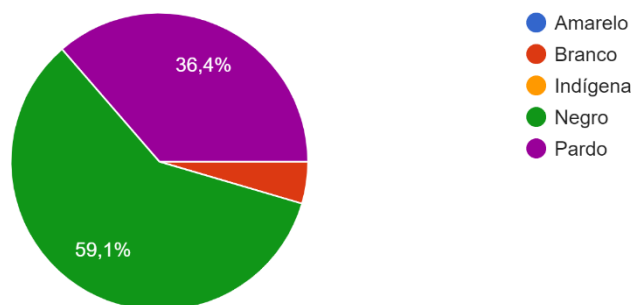
### 2. IDADE:

22 respostas

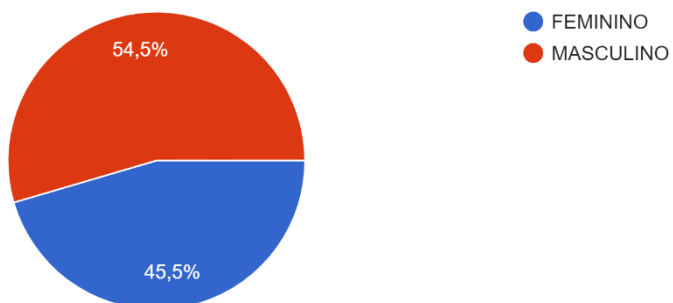


### 4. ETNIA:

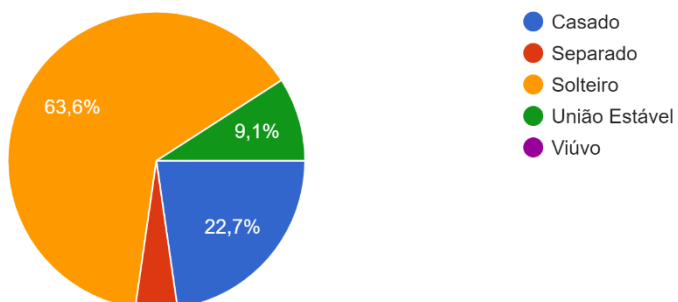
22 respostas



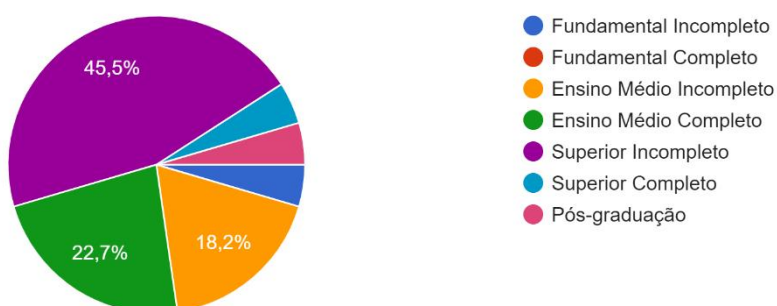
5. SEXO:  
22 respostas



6. ESTADO CIVIL:  
22 respostas

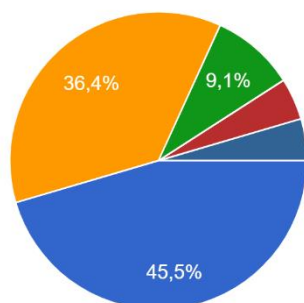


7. FORMAÇÃO ACADÊMICA:  
22 respostas



### 8. Onde e como você mora atualmente?

22 respostas

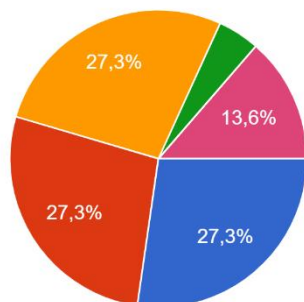


- Em casa ou apartamento próprio, com...
- Em casa ou apartamento próprio, sozi...
- Em casa ou apartamento alugado, co...
- Em quarto ou cômodo alugado, sozin...
- Em casa de outros familiares.
- Em casa de amigos.
- Em habitação coletiva: hotel, hospeda...
- Em casa/apto, mantidos pela família p...

▲ 1/2 ▼

### 10. Quantas pessoas moram em sua casa? (incluindo você) [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] [ ]

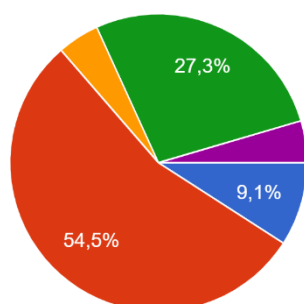
22 respostas



- Duas pessoas.
- Três pessoas.
- Quatro pessoas.
- Cinco pessoas.
- Seis pessoas.
- Mais de 6 pessoas.
- Moro sozinho.

### 11. Qual é a sua participação na vida econômica de sua família?

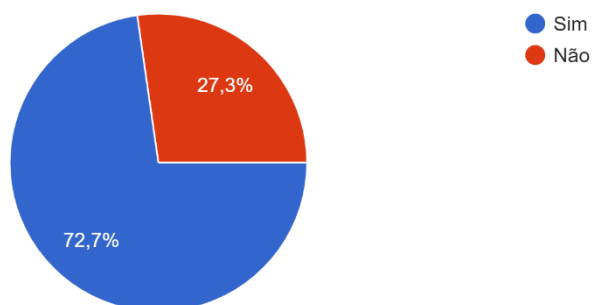
22 respostas



- Você não trabalha e seus gastos são custeados.
- Você trabalha e é independente financeiramente.
- Você trabalha, mas não é independente financeiramente.
- Você trabalha e é responsável pelo sustento da família.
- No momento não trabalho, mas sou independente financeiramente

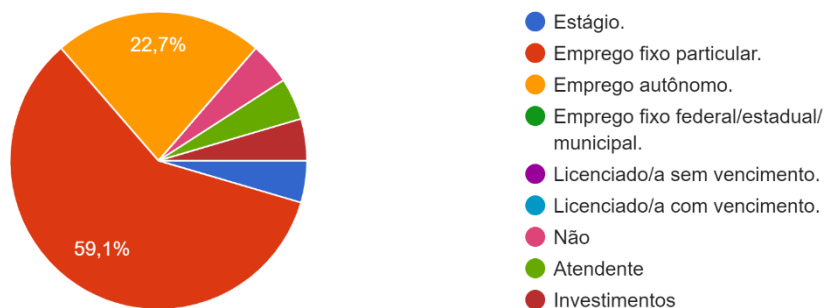
### 12. Você desenvolve alguma atividade remunerada?

22 respostas



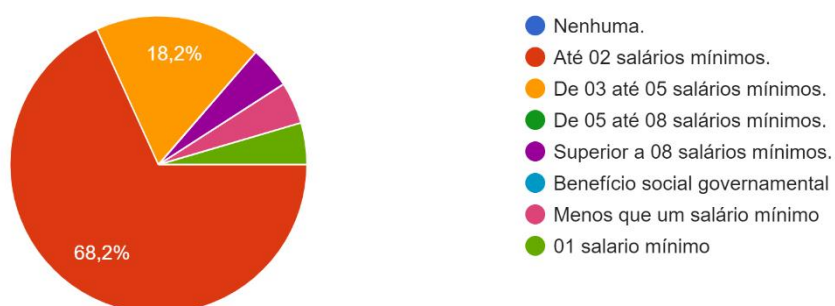
### 13. Qual o vínculo?

22 respostas



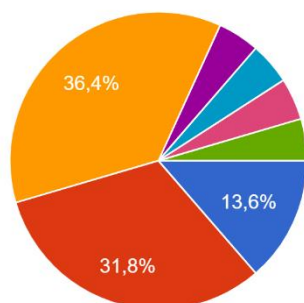
### 14. Qual sua renda mensal individual?

22 respostas



### 15. Qual a renda mensal familiar?

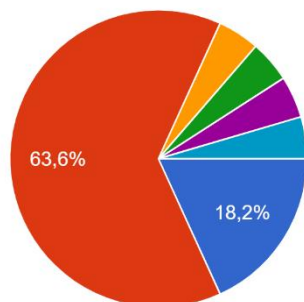
22 respostas



- Nenhuma.
- Até 02 salários mínimos.
- De 03 até 05 salários mínimos.
- De 05 até 08 salários mínimos.
- Superior a 08 salários mínimos.
- 1 salário mínimo
- Somente eu
- Moro sozinho

### 16. A situação conjugal de seus pais?

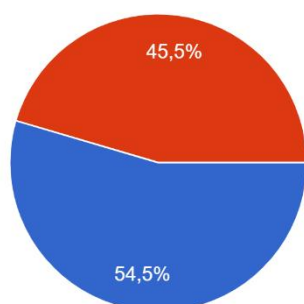
22 respostas



- Vivem juntos.
- Separados.
- Mar falecida
- Faleceu
- Minha mãe é viúva
- Sou órfã

### 17. Você tem filho(s)?

22 respostas



- Sim
- Não

## APÊNDICE E – RESULTADO ESCALA DE RESILIÊNCIA

Você é resiliente?



## APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA DO GRUPO FOCAL

Grupo focal realizado através da plataforma ZOOM, no dia 21 de fevereiro de 2022, com a participação de 12 alunos, onde 3 não puderam dar continuidade por conta da instabilidade da internet.

*Luciana: Boa noite. Obrigada por aceitarem o convite. Por favor se apresentem e digam se aceitam participar da pesquisa?*

*Ta: O meu nome é Ta. Eu tenho 28 anos, sou psicomotricista e eu concordo em participar dessa pesquisa.*

*Te: Meu nome é Te tenho 24 anos, sou empresária, estudante de Educação Física e concordo em participar da pesquisa experimento.*

*R: Meu nome é R tenho 26 anos, sou estudante de engenharia e eu aceito participar dessa pesquisa.*

*E: Meu nome é E, tenho 29 anos. Eu sou o Marítimo e eu aceito participar da pesquisa.*

*A: Eu tenho 28 anos, me chamo A sou gerente de loja. Eu aceito participar da pesquisa.*

*Tae: Sou Tae, sou consultora financeira e tenho 29 anos. Eu aceito participar da pesquisa.*

*Ti: O meu nome é Ti. Tenho 29 anos. Graduando em Educação Física, aceito participar da pesquisa.*

*H: O meu nome é H, eu tenho 28 anos. Sou estudante de contabilidade, aceito participar da pesquisa.*

*V: O meu nome é V, tenho 22 anos, sou chapeiro de uma hamburgueria. Eu aceito participar da pesquisa.*

*Luciana: Eu vou perguntar e aí vocês vão falando, como se fosse uma conversa, entendeu? Podem abrir os microfones. À primeira pergunta, o projeto sorria, contribuiu em alguma área de sua vida, seja ela pessoal, profissional, cultural, social?*

*Tae: Acho que ajudou bastante e ajudou a gente. Eu acho que a gente aprendeu muita coisa no projeto.*

*R: O projeto ajudou a gente a ter uma outra perspectiva de vida, novas experiências. Então, contribuiu completamente na vida de todo mundo, mesmo que mínimo. Impactou a vida de todo mundo.*

*Ta: Contribuiu sim, ajudou bastante. O projeto nos formou, nos ajudou a ser cidadãos melhores. Podemos dizer sim em relação a Cultura nos deu a oportunidade de conhecer novos ares, novos ambientes, novas pessoas e isso contribuiu para nossa formação como pessoa. O projeto foi uma base, um apoio para cara área da minha vida. Posso dizer que foi um norte para minha vida*



*Te: Foi um desenvolvimento pessoal. E tudo o que eu estou vivendo hoje também foi por conta lá atrás. Foi por conta do projeto.*

*H: eu acho que, socialmente falando, o projeto eu acho que foi muito importante na vida de cada um aqui, deu oportunidades que com certeza não conseguiríamos. Eu digo em relação, por exemplo, de viajar, não ter nenhuma despesa em relação a isso, de ficar despreocupado. Então, assim deu oportunidade pra gente. Sem falar além do projeto Sorria tinha o projeto do INPAR, que oferecia o reforço escolar, alimentação. Então, que contribuiu com o esporte e dentro da sala de aula. Então, sem dúvidas, foi de grande valia para a gente.*

*A: Então, o projeto me ajudou muito, tanto na parte financeira quanto na parte pessoal. Ajudou muito porque a gente conheceu bastantes lugares.*

*V: Me ajudou muito, tanto no lado pessoal como no profissional. Ganhei ensinamentos, disciplina e responsabilidade. Sou grato ao projeto e a todos os colaboradores que fazem acontecer. Se hoje estou vivo graças a Deus primeiramente e a minha mãe que recebeu ajuda do INPAR através de uma assistente social que indicou o INPAR como um lugar pra ocupar minha mente e tempo um momento crítico da comunidade onde moro e que muitos jovens se perderem no mundo crime. Sou grato ao projeto e a todos os professores e instituição INPAR.*

*E: Acho que também. Para mim, o que ficou mais evidente foram as questões das oportunidades que tivemos. Sem o projeto talvez a gente não tivesse acesso a tantas pessoas, tantas oportunidades que a gente teve, acho que o contato pessoal também, de estar em contato com pessoas diferentes, diferentes do nosso convívio normal em casa. Isso ajudou muito o nosso crescimento. Houve um impacto muito grande*

*TI: O projeto foi muito importante na nossa vida, principalmente na minha e da minha irmã, pois foi no momento que perdemos a minha mãe e ajudou muita gente a aliviar um pouco a dor e por tudo isso, por conhecermos muitos lugares. Podemos aprender desde novo o que é uma competição e tal que não só basta ganhar, mas sim competir e dar o nosso melhor. Foi muito bom. Sou muito grato à Luciana, principalmente e ao Diogo, por tudo o que fizeram nas nossas vidas, na nossa fase de pré-adolescência e de adolescente, sim, que foi muito importante para gente.*

*Te: Eu falo que eu levo a orientação até hoje comigo para todos os lugares que eu passo, para todas as minhas decisões. O mapa de orientação é como mapa da nossa vida. A gente não sabe o que vai enfrentar. A gente nunca viu a área, a gente não sabe o que vai viver amanhã. Mas assim, quando a gente sai da partida para o ponto um, ok a gente sempre consegue ali se orientar. A gente vai, se perde, mas a gente sempre tem uma decisão na nossa vida, uma decisão de voltar atrás ou ficar parado, uma decisão de seguir em frente por mais perdido que você esteja. Mas você sempre deve seguir em frente, porque sempre vai ter uma chegada em algum lugar. Então, isso tem muito mais, mais esse olhar eu levo pra tudo na minha vida. É uma corrida de orientação, é muito mais do que um esporte, sabe? Para mim, é o desenvolvimento pessoal e o comportamento humano também.*

*Ta: Eu acredito que o choque cultural, social e Econômico que a corrida de orientação nos proporcionou foi “boom” assim para a nossas vidas, para a gente entender que existe algo além das nossas paredes, da nossa casa e da nossa comunidade. Tem sempre um algo a mais. E quando a gente também agarra a oportunidade, porque a oportunidade está para todos. Muitas crianças tiveram a mesma oportunidade que a gente, nas cada um agarrou de forma*

diferente. Cada um está colhendo os frutos. Então, acredito que o choque principal ali Cultural e econômico, que a corrida de orientação, que o esporte nos proporcionou foi uma chave de virada para a nossa vida. É isso que eu quero pra minha vida. Eu quero ser assim. Eu quero estar igual tal pessoa. Eu quero ter a mesma profissão de tal pessoa. E aquilo ali vem desencadeando e Libertando a gente de outra chavinha de outras prisões que a gente vem trazendo ao longo da nossa vida. Então a oportunidade está para todos. Mas a forma como cada um agarra sua, como cada um planta a sua semente, é o que diz que a gente está colhendo agora? Hoje, nessa conversa.

Luciana: Então, a segunda pergunta era porque eu acho que já responderam e aí? A terceira seria se o projeto gerou alguma oportunidade, alguma coisa bem certa. Por exemplo, a EU, o projeto. Por causa do projeto, vou contar com a minha parte. Por causa do projeto, eu posso trabalhar no Cruzeiro. Vocês tiveram alguma oportunidade assim muito clara para vocês por conta do projeto? Então me conte.

Ta: sim. Por conta do projeto hoje eu sou terapeuta, psicomotricista, entrei na faculdade, representei a faculdade, com a corrida de natação na faculdade e levei também. Eu lembro que eu levei a orientação pra dentro da faculdade na qual estudava na época e eu entrei querendo ser técnica para continuar com a orientação. Encontrei a psicomotricidade que me trouxe para onde estou hoje. Mas foi por conta da orientação, porque me fez entrar na faculdade. Oportunidade de conhecer lugares e pessoas legais, além de me incentivar a estudar.

Te: no meu caso, por conta da orientação, também. Nós somos a média das cinco pessoas que a gente convive. Então eu convivi com pessoas que estava na Federal, que estava na UFRJ, que era militar. Então eu tomei uma decisão. Eu vou entrar na UFRJ, eu vou entrar por conta da orientação e eu entrei. Ela deu essa frequência pra gente.

E: Eu também. Eu tive contato com muitos militares, como a orientação. O esporte é majoritariamente militar. Eu tive contato com muitos militares e participei um pouco da vida de militar. Isso me motivou muito a estudar pra tentar ser militar. Hoje eu não sou militar, mas minha motivação para o estudo foi querer ser militar. Até eu consegui ser militar por um período de três anos para só para fazer a minha formação, o que tenho hoje. Mas a motivação inicial foi porque eu tive contato com muitos militares. A gente quando criança. A gente acaba trilhando, os olhos brilhando muito com as pessoas que estão ao nosso redor e a gente acaba admirando. De certa forma, isso me motivou a levar a estudar mais para tentar ser militar, e isso teve a influência que a profissão que eu tenho hoje. Hoje eu trabalho embarcado, né? Então eu precisei fazer um curso de três anos e eu precisei passar por uma escola militar para ter minha formação. Isso tudo me influenciou. O contato que eu tive com as pessoas na orientação, principalmente.

R: No meu caso, também é parecido, porque com o meu projeto e o esporte, a gente lá a gente tinha essa vivência no meio militar, me influenciou também. Aí foi quando eu me tornei atleta de alto rendimento da Marinha e todo esse processo que eu percorri. Foi o que me levou hoje a fazer o que eu estou fazendo agora, porque eu estou estudando. Então, tudo é consequência do que eu, do que o projeto lá atrás influenciou a gente, né?

V: Várias! Viajei pra vários lugares conheci diferentes pessoas ganhei conhecimento conheci diversas culturas fui muito bem disciplinado.

*Luciana: E aí, mas alguém teve uma oportunidade assim, direta, que hoje, que influenciou a vida, decisão de vida, estudo, profissão, comprometimento, responsabilidade adquirida.*

*E: Acho que outros aspectos também, que influenciou não só em relação ao estudo, mas também em relação à competição, a orientação. Pelo menos para mim, ela teve muito aquele aspecto de poder treinar e poder competir com pessoas de alto nível. Então teve esse aspecto de você ter que competir com pessoas de alta capacidade, você com o treinamento, com o esforço, com dedicação. Você vê que você consegue competir. E isso acaba te levando para outras áreas da vida, não só no esporte, mas no trabalho, em tudo o que você tem que fazer. Pelo menos para mim. Hoje eu sei que se eu treinar, se eu me esforçar, eu consigo alcançar, mesmo que seja algo que aos meus olhos, seja algo assim, quase impossível. Mas eu sei que com treino, com o esforço, eu consigo, porque parece que na orientação eu carrego. Carrego isso comigo até hoje.*

*R: O esporte é sinônimo de Autoestima.*

*Tae: E. Gente, eu acho que eu acho que a orientação faz a gente querer sempre correr, querer ganhar uma medalha. Eu trabalho numa área que é totalmente diferente. Então eu trabalho numa área que é competição 24 horas. Eu sempre quero ser a melhor. Eu sempre quero ganhar medalha, sempre quero ficar em primeiro lugar lá sempre. Eu acho que a orientação me deu muito isso, de sempre querer ganhar. Entendeu? Então eu levei isso pra minha a vida, não é totalmente de orientação, fugiu muito, bastante. Mas acho que a disciplina entendeu e tudo que a corrida ensinou pra gente, como a Taiane já falou que o mapa a gente dá pra gente e a gente vai até o final. E é isto.*

*V: Fiz estágio como jovem aprendiz no tribunal de contas do estado do Rio de Janeiro TCERJ, fui militar da escola de educação física do exército brasileiro Esefex localizado na Urca.*

*Luciana: Você se considera uma pessoa resiliente, ou seja, capaz de retomar o caminho mesmo com os obstáculos e as quedas que ocorreram?*

*E: Acho que a gente pegou muito isso da orientação de ter que competir, ter que se esforçar para a competição e não desistir no primeiro cansaço. A nossa infância foi muito influenciada por isso. Então, desde pequeno a gente tem que vencer esses obstáculos. Hoje podem ser pequenos, mas para a gente, quando criança eram muito grandes, né? Então, isso ajudou a gente a ser dentro desse significado de resiliência, as competições nos ajudaram muito a se esforçarem e a superar as dificuldades que a gente tinha.*

*R: Fora que assim o diferencial na orientação é que a gente o tempo todo aprendeu o que a gente não precisava ganhar. O importante era você ganhar era conseguir fazer uma boa rota, conseguir encontrar os pontos, enfim terminar o mapa, ser resiliente. Isso influenciou diretamente a nossa vida e influencia ainda hoje, a capacidade de não parar, pensar, refletir como eu vou, onde eu vou, como eu vou fazer. Não deu certo. Volta pra onde você estava e começa de novo. Eu acho que isso é o diferencial que a Orientação fez na nossa vida, nos ajudou a seguir apesar das dificuldades.*

*V: Sim!!! E sinceramente eu não conseguiria fazer isso sem que eu tenha passado pelo projeto que foi essencial em minha vida.*

*Luciana: Muito bom. Alguém tem algum fato para descrever se o Projeto influenciou em*

*relação a resiliência?*

*V: Somos provados todos os dias, mas estive em uma situação de conflito comigo mesmo quando fui mandado embora do exército brasileiro e não sabia o que fazer pois o mundo estava vivendo uma pandemia e não sabia o que fazer parei pensei e voltei ao projeto pra fazer uma visita e procurei a melhor forma de conseguir conquistar meu objetivo.*

*Te: Eu acho que tem muita coisa, mas eu vou contar um pouquinho. Eu cheguei aqui em São Paulo sem conhecer ninguém, com menos de 200 R\$. Eu não sabia se ia ficar um dia a semana. Eu não sabia de nada. Mas eu já estou aqui um ano. Fez um ano no dia 15 de janeiro e hoje eu tenho um apartamento aqui em Alphaville e cheguei com 200 R\$ e não vou falar que foi 1000 maravilhas sempre. Eu não conhecia ninguém aqui até então. Eu tive que ser resiliente, pois cheguei no fundo do poço. Já passei necessidade sem pedir nenhum dinheiro para minha mãe. Eu lembro que quando eu vim para cá, a minha mãe falou assim como assim como você vai vir para cá ou como você vai para São Paulo? Você não conhece ninguém. Não tem dinheiro. E a minha mãe falou assim eu tenho 20 R\$, mas eu vou precisar. Eu fiz assim eu olhei, eu falei: Não, não, eu não vou aceitar. E é por isso mesmo que eu estou indo para São Paulo para não precisar mais desses 20 R\$, sabe? Eu fui, vim, fiquei, fui no fundo do poço, já já passei muito perrengue, sabe aqui. Mas graças a Deus, Ele foi me conduzindo. E a palavra que eu falei pra minha mãe quando eu saí porque ela perguntou quanto tempo você vai ficar lá? Eu falei assim não sei, eu posso, vim, posso voltar amanhã, posso voltar semana que vem e no mês que vem. Eu sei que quanto mais tempo eu ficar, é porque Deus está me guiando, acreditando que Ele é meu guia. Foi quando ele falou você já está morando em São Paulo e estou ficando, porque ele está me dando tudo. E eu vivo essa resiliência, porque também a gente precisa de ação, a gente precisa seguir.*

*A: Isso mesmo a Orientação fez a gente crescer com resiliência.*

*Luciana: É justamente isso que é ser resiliente, superar as dificuldades. Estão relacionando muito a questão da orientação, do mapa de você não desistir a resiliência. Interessante, temos que saber que na vida existe sofrimento, mas não podemos desistir, foi o que a Taiane falou a gente tem que parar, refletir e dar continuidade. Então, o esporte orientação ajudou em algum momento ruim que vocês achavam que estava tudo perdido, mas aí vocês lembraram que já tiveram um ponto perdido, tiveram que refazer a rota, correr atrás do tempo perdido, o que isso hoje realmente ajudou na vida de vocês?*

*Ta: Então gente quem nunca se sentou e chorou com um mapa na mão? Quem nunca correu de uma vaca?*

*E: Eu nunca chorei com mapa na mão.*

*Te: Eu ja chorei, já chorei demais.*

*A: Eu já chorei, quem nunca ficou desesperado?*

*Ta: Quem nunca viu seu mapa se desfazer na chuva? No ponto dois anos e ele se desfez na chuva. E é isso que a orientação trouxe pra gente. Assim nós levamos para a vida, e a orientação é isso que a Taiane falou: É o momento de você parar e olhar. Tem que recalcular a rota, está dando com a cara na parede, está dando a cara na parede, tem que mudar a rota,*

*parar respire, “azimute” e muda a rota. Como acontece na vida.*

*A: É verdade.*

*Luciana: Alguma pessoa do projeto sorria, influenciou para alguma decisão importante no seu futuro? Foi uma influência positiva ou negativa? Você poderia descrevê-la?*

*E: Sim, você Luciana, o Diogo, a Marion. Tínhamos vocês como exemplo, queríamos imitar vocês professores, ter as mesmas experiências, a mesma vida. Teve um militar também que numa corrida que fui mal e pesnei em desistir que me disse uma frase que ficou marcada e levo comigo até hoje: “quem quer dá um jeito, quem não quer arruma desculpa”. Então agarrei a oportunidade e segui em frente*

*V: Sim. Eu me inspiro em cada um que passou pelo projeto e aos que ainda estão lá. Minhas professoras Cláudia, Luciana, Marion, Nema e professores que passaram por lá Guilherme Porto, Luan, Antônio, Rodrigo... Sim, positivamente. São pessoas que me identifiquei pois já vestiram em situações parecidas e conseguiram conquistar seus sonhos alcançar seus objetivos. Cada ensinamento tá guardado comigo e levarei pra vida cada um deles.*

*Ta: Sim, a Professora Marion. Foi uma influência positiva. A professora era uma referência para mim dentro do projeto. Ver uma mulher, negra, formada, professora. Era muito bom!! Um exemplo a se seguir.*

*R: Sim. Positiva. Eu lembro que depois de um tempo já de projeto sou feliz, eu tive contato com alguns alunos do Inpar que também praticavam a corrida de orientação, que também faz parte do projeto com o antigo nome de "sou feliz me orientando". Eles haviam acabado de chegar de uma competição e ainda estavam com as medalhas penduradas no pescoço. Orgulhosos. Me deslumbrei com aquela imagem deles chegando, todos orgulhosos consigo mesmo. A partir daquele momento me interessei pelo esporte, ouvindo-os me relatarem sobre a experiência deles pós campeonato. Logo quis saber como eu tinha que fazer ou a quem eu tinha que comunicar e dizer que também queria fazer parte da equipe. E, eles me disseram para falar com a Luciana ou a Marion. Nessa época eu fazia parte do turno da manhã no inpar, não tinha ninguém na equipe nesse horário, mesmo assim fui me informar. Quando cheguei na sala, conheci a Marion logo de cara me identifiquei: Uma mulher preta como eu. E ela já foi me mostrando como era um mapa, me ensinou sobre as simbologias etc. Me falou sobre as conquistas dela, as categorias que ela já tinha sido campeã, fiquei mais empolgada ainda. Depois de alguns treinos fui para minha primeira competição, não me saí muito bem (risos), mas meus colegas de equipe me auxiliaram. Os mesmos que tinham me inspirado desde o início, Ayla e Elison. A partir daquele momento eu fiquei deslumbrada. Queria seguir a mesma carreira que a Marion. Queria cursar faculdade, durante um tempo até o mesmo curso que o dela. Passei a ter, literalmente, uma nova perspectiva.*

*Te: Sim, você Luciana. Foi sempre foi uma influência positiva. Nunca limitou nossos sonhos. Em meio às situações que eu vivia de talvez não ter terminado o ensino médio e hoje sou a única da minha família e parentes a cursar uma universidade federal. No momento em que muitos falavam para eu desistir, você Luciana sempre estava ali para a gente. Eu lembro no ano que eu entrei para o projeto e você falou que para ir para as competições e continuar no projeto precisava tirar boas notas, ser um aluno modelo em qualquer lugar que pisamos. E eu levo isso até hoje comigo para sempre dar o meu melhor.*

*Luciana: O que você gostaria de dizer que não lhe foi perguntado sobre o projeto Sorria e resiliência?*

*V: O projeto é essencial para os jovens daquela região é um refúgio e pra muitos que vivem lá. O que me cativa e me deixa feliz é saber que o projeto não para e que os professores e todos os envolvidos que fazem acontecer fazem de coração e com muito amor. Sou grato a todos os professores e professoras por tudo que aprendi e o que vivi no projeto e pós projeto!*

*R: Não só sobre o projeto, mas sobre a importância de qualquer projeto social. Mesmo que "pequeno" a forma como impacta na vida de pessoas em situação de vulnerabilidade é surreal. E acho que isso sempre deveria ser pontuado. Tudo o que sou hoje teve uma influência direta com o projeto. Os monitores não tinham uma relação apenas profissional com a gente, o zelo e a preocupação iam além disso. Sempre nos sentíamos muito à vontade para conversar sobre qualquer coisa. E eles sempre fizeram de tudo para que a gente se sentisse acolhido, e nada que eu faça hoje paga o que fizeram por mim. Falar do projeto enche meu peito de gratidão. O projeto nos ensinou o que era resiliência antes de essa palavra estar "na moda". Muito de nós viemos de uma realidade difícil, e lá aprendemos que mesmo com as dificuldades, podemos conseguir. Só que, claro, tendo algum suporte. Algo ou alguém que nos auxiliasse. Porque eu, particularmente, não acredito nessa frase de "quem quer faz". Não. Quem quer só faz se tiver algum tipo de orientação, oportunidade, suporte etc. É, exatamente, por isso que projetos sociais são de extrema importância.*

*H: Luciana, sem dúvidas o projeto me ajudou. Agradeço muito pelas experiências e aprendizados. Você faz um trabalho lindo e merece ser reconhecida por isso. Obrigado por tanto batalhar por nós dado as circunstâncias que eram impostas. Sei que não era, é fácil conseguir patrocínio e pessoas que acreditem no seu trabalho, mas com foco e perseverança você foi além. Obrigado, obrigado!! Se cuida e torço muito por você e pra essa história que você vem escrevendo!*

*Te: Eu sou imensamente grata a tudo. Fez parte do meu desenvolvimento. Viajei para lugares que nunca imaginei ir até hoje, minha mãe só viajou para um outro bairro e eu até viajei para outro País. Isso me fez acreditar que nada é impossível. E que breve irei dar essa oportunidade para minha família e graças uma oportunidade que eu tive quando tinha 11 anos de idade e agarrei.*

*Ta: Como podemos dar continuidade ao projeto sorria em nosso dia a dia*

*Luciana: Obrigada pela participação de todos, vocês foram essenciais para essa pesquisa.*

## ANEXO A – PARECER DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA



UNIVERSIDADE SALGADO DE  
OLIVEIRA - ASOEC -  
UNIVERSO



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** PROJETO SOCIAL ESPORTIVO E RESILIÊNCIA: O caso do Projeto SOrriA

**Pesquisador:** luciana bernardes vieira de rezende hersen monteiro

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 52193721.0.0000.5289

**Instituição Proponente:** Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO

**Patrocinador Principal:** ASSOCIACAO SALGADO DE OLIVEIRA DE EDUCACAO E CULTURA

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.029.304

#### Apresentação do Projeto:

O objetivo geral do presente estudo é identificar qual a contribuição do PSE, Projeto SOrriA na formação de cidadãos resilientes em alunos egressos. Quanto a abordagem, essa pesquisa será mista, pois irá coletar e analisar os dados de forma qualitativa e quantitativa, ao unir os dois métodos, há uma maior amplitude da perspectiva do estudo, tendo

melhor aproveitamento dos dados, obtendo um panorama mais completo da pesquisa. A escolha de unir os métodos qualitativos e quantitativos, se deu por conta da maior riqueza de relacionar uma escala de resiliência com a fala dos ex-alunos, através de um grupo focal, aproveitando ambos os dados para chegar a um resultado mais completo sobre o desenvolvimento da resiliência.

#### Objetivo da Pesquisa:

O objetivo geral do presente estudo é identificar qual a percepção dos alunos egressos do Projeto SOrriA (Projeto Social de Orientação e Atividades Esportivas) em relação a influência do Projeto em sua formação como cidadãos resilientes.

Objetivo Secundário:

1. Quantificar o grau de resiliência dos alunos do Projeto SOrriA;
2. Verificar o desenvolvimento da resiliência nos alunos do Projeto SOrriA;

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

**Endereço:** MARECHAL DEODORO, 263 Bl. B - térreo, a sala fica ao final do corredor do térreo  
**Bairro:** CENTRO **CEP:** 24.030-060  
**UF:** RJ **Município:** NITEROI  
**Telefone:** (21)2138-4983 **E-mail:** cepuniverso@nt.universo.edu.br



Continuação do Parecer: 5.029.304

Os riscos relacionados à pesquisa com participantes estão ligados à insatisfação dos mesmos. Esses riscos muitas vezes são expressos na forma de desconforto; possibilidade de constrangimento ao responder o instrumento de coleta de dados; medo de não saber responder ou de ser identificado; estresse; quebra de sigilo; cansaço ou vergonha ao responder às perguntas;

**Benefícios:**

Toda pesquisa pretende trazer benefício à sociedade, porém para o participante, a curto prazo, dificilmente o benefício é próprio, embora saibam seu grau de resiliência, não é algo que possa beneficia-lo. Assim, é preciso honestidade e respeito, informando a verdade. Mas que a pesquisa faz parte da conscientização da sociedade a respeito da natureza da construção do conhecimento científico.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Projeto de pesquisa em conformidade com as legislações.

Inserir dados deste Comitê de Ética no TCLE.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Projeto - OK

Orçamento - OK

Folha de Rosto - OK

Carta de Anuência - Ok

Cronograma - Ok

TCLE - inserir dados do Comitê de Ética da UNIVERSO (endereço, telefone)

**Recomendações:**

Pendência. Inserir dados do Comitê de Ética da UNIVERSO (endereço, telefone) no TCLE.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Aprovado

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Recomendação inserir dados do Comitê de Ética da UNIVERSO (endereço, telefone) no TCLE.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1818787.pdf	02/09/2021 16:02:01		Aceito

**Endereço:** MARECHAL DEODORO, 263 Bl. B - térreo, a sala fica ao final do corredor do térreo  
**Bairro:** CENTRO **CEP:** 24.030-060  
**UF:** RJ **Município:** NITERÓI  
**Telefone:** (21)2138-4983 **E-mail:** cepuniverso@nt.universo.edu.br



## ANEXO B – RELATÓRIO COPYSPIDER

=====

Arquivo 1: DISSERTAÇÃO REVISADA UNIVERSO LUCIANA MONTEIRO ENVIADA.doc (15702 termos)

Arquivo 2: <http://cafigueiredo.org/?pag=publicados&acao=ler&idpub=112> (1947 termos)

Termos comuns: 88

Similaridade: 0,50%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [DISSERTAÇÃO REVISADA UNIVERSO LUCIANA MONTEIRO ENVIADA.doc](#) (15702 termos)

Os termos em vermelho foram encontrados no documento

<http://cafigueiredo.org/?pag=publicados&acao=ler&idpub=112> (1947 termos)

=====

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física ? PPGCAF

LUCIANA BERNARDES VIEIRA DE REZENDE HERSEN MONTEIRO

PROJETO SOCIAL ESPORTIVO E RESILIÊNCIA:

O caso do Projeto SÔmia

Niterói

2022

LUCIANA BERNARDES VIEIRA DE REZENDE HERSEN MONTEIRO

## ANEXO C – ESCALA DE RESILIÊNCIA

Escala de Resiliência	discordo totalmente	discordo muito	discordo pouco	não concordo nem discordo	concordo pouco	concordo muito	concordo totalmente
Quando eu faço planos, eu os levo até o fim.	1	2	3	4	5	6	7
Eu costumo lidar com os problemas de uma forma ou de outra	1	2	3	4	5	6	7
Eu sou capaz de depender de mim mais do que qualquer outra pessoa.	1	2	3	4	5	6	7
Manter interesse nas coisas é importante para mim.	1	2	3	4	5	6	7
Eu posso estar por minha conta se eu precisar.	1	2	3	4	5	6	7
Eu sinto orgulho de ter realizado coisas em minha vida.	1	2	3	4	5	6	7
Eu costumo aceitar as coisas sem muita preocupação.	1	2	3	4	5	6	7
Eu sou amigo de mim mesmo.	1	2	3	4	5	6	7
Eu sinto que posso lidar com várias coisas ao mesmo tempo.	1	2	3	4	5	6	7
Eu sou determinado	1	2	3	4	5	6	7
Eu raramente penso sobre o objetivo das coisas.	1	2	3	4	5	6	7
Eu faço as coisas um dia de cada vez.	1	2	3	4	5	6	7
Eu posso enfrentar tempos difíceis porque já experimentei dificuldades antes.	1	2	3	4	5	6	7
Eu sou disciplinado.	1	2	3	4	5	6	7
Eu mantenho interesse nas coisas.	1	2	3	4	5	6	7
Eu normalmente posso achar motivo para rir.	1	2	3	4	5	6	7
Minha crença em mim mesmo me leva a atravessar tempos difíceis.	1	2	3	4	5	6	7
Em uma emergência, eu sou uma pessoa em quem as pessoas podem contar.	1	2	3	4	5	6	7
Eu posso geralmente olhar uma situação de diversas maneiras.	1	2	3	4	5	6	7
Às vezes eu me obrigo a fazer coisas querendo ou não.	1	2	3	4	5	6	7
Minha vida tem sentido.	1	2	3	4	5	6	7
Eu não insisto em coisas as quais eu não posso fazer nada sobre elas.	1	2	3	4	5	6	7
Quando eu estou numa situação difícil, eu normalmente acho uma saída.	1	2	3	4	5	6	7
Eu tenho energia suficiente para fazer o que eu tenho que fazer.	1	2	3	4	5	6	7
Tudo bem se há pessoas que não gostam de mim.	1	2	3	4	5	6	7

Ponto de corte: consideramos como menos resilientes aqueles com escores abaixo de 110.6, num total de 175 pontos (equivalente a um desvio padrão abaixo da média).

Escala de resiliência (ER-Brasil) de Wagnild e Young (1993) adaptada ao contexto brasileiro por Pesce et al. (2005).